

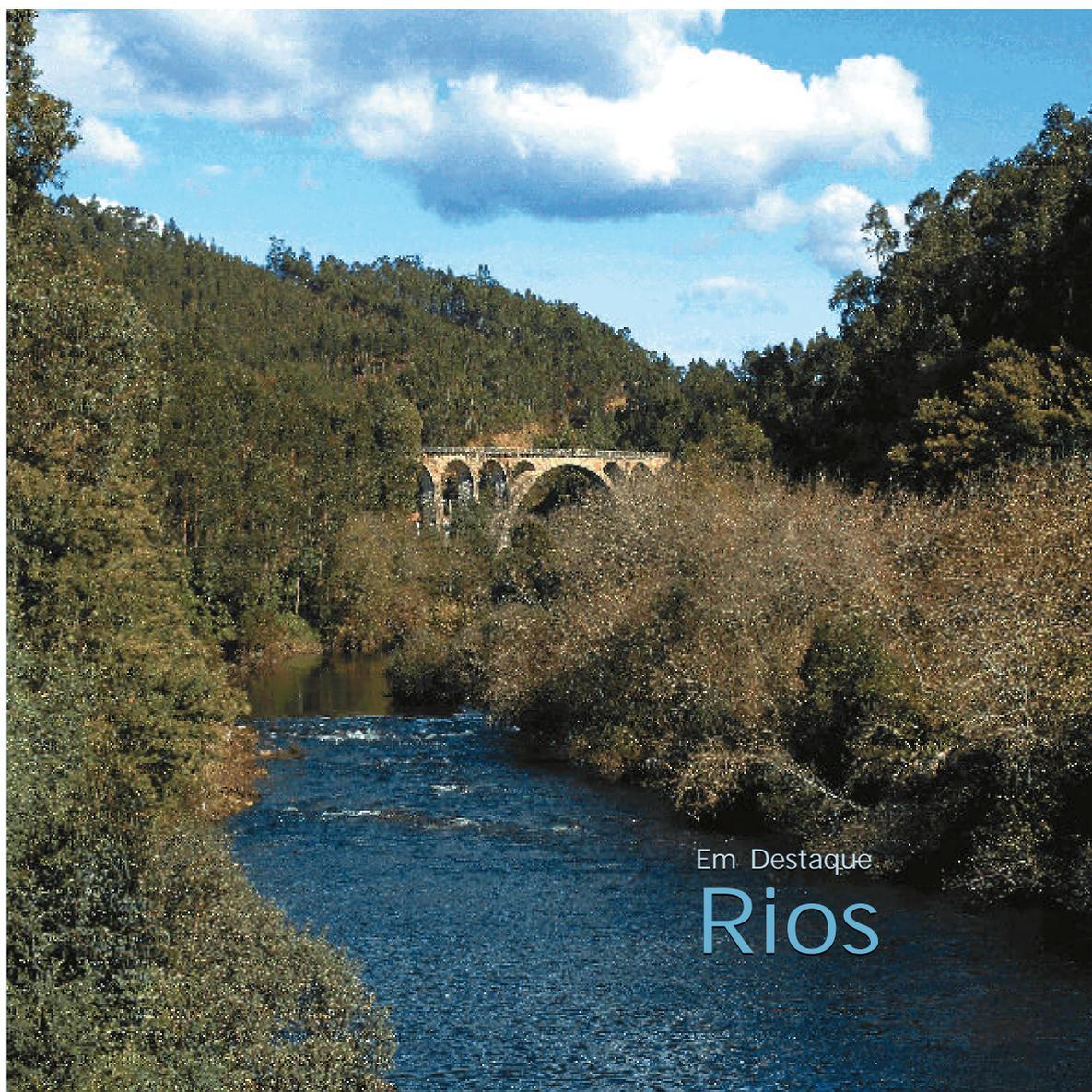
PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

Directora: Cristina Cavaco

www.leader.pt

II Série | Nº 25 | Dezembro 2004



Em Destaque
Rios

ADRMAG
Serras de
Montemuro, Ara-
da e Gralheira

P 12 Um fim-de-semana em Montemuro, Arada e Gralheira

P 7 Pesqueiras do rio Minho

P 14 e 15 Ordenamento do território e desenvolvimento rural

P 16 e 17 3ª EXPOBRASIL

Rios: água que produz, transporta e recria

Os rios são referências essenciais num território, numa paisagem. A sua importância pode ser encarada sob vários prismas. Na literatura e na poesia inspiraram inúmeros autores e são transportados no nosso imaginário colectivo e individual. Mas a leitura da importância dos rios prende-se também com o seu peso do ponto de vista económico, com as diferentes utilizações assumidas pelos grupos de interesses (por vezes contraditórios). A dimensão de património natural associada, cada vez mais, às ameaças ambientais, e à tomada de medidas necessárias e urgentes, reveste também uma forte centralidade.

Em Portugal, como noutros países europeus, a aplicação da Directiva 2000/60/CE (Directiva Quadro Água) necessitará de um esforço de implementação e planeamento considerando-se prioritárias as seguintes medidas/acções: definição de regiões hidrográficas; caracterização das bacias hidrográficas; definição de massas de águas subterrâneas; identificação das pressões; análise económica da utilização das águas; estabelecimento de objectivos de qualidade; aplicação das estratégias de controlo da poluição; definição de programas de medidas e implementação de programas de monitorização. A criação de redes de gestão e de informação sobre estes pontos, bem como a participação dos cidadãos e dos grupos organizados nas decisões constituem igualmente prioridades a considerar. A aplicação atempada e correcta da DQA constitui assim um desafio maior.

Este olhar sobre o rio "como sistema ambiental pressupõe um enorme esforço multidisciplinar e de abrangência profissional na determinação dos requisitos básicos de escoamento fluvial, de forma a definir, com fiabilidade, a quantidade, a qualidade e a distribuição temporal dos caudais necessários ao funcionamento crítico dos ecossistemas aquáticos", como sugere J.M. Pereira Vieira da Universidade do Minho.

No quadro dos projectos e processos de desenvolvimento local os rios não podem ser "lidos" senão na perspectiva integrada que caracteriza bem as intervenções do Programa LEADER: como elementos estruturantes do território, associados às decisões sobre o ordenamento e a gestão e partilha dos recursos hídricos, "onde o primado da quantificação e partilha dos caudais, baseado apenas nos consumos previsíveis terá de ceder lugar a uma abordagem de cariz mais ecológico, onde os aspectos funcionais dos ecossistemas assumirão uma maior relevância" (Pinto, P., Univ. de Évora); como elementos estreitamente associados à história e à actividade humana mas também ao imaginário; como vector de novas actividades económicas e associativas, nas áreas do turismo, do lazer, do desporto e do ambiente; associados a actividades educativas que perspectivem para o futuro um novo compromisso das jovens gerações.

As iniciativas LEADER são exemplares no esforço de agregar as componentes

que conferem sentido às diferentes funcionalidades associadas à exploração dos rios. Na Península de Setúbal, "Vem Conhecer-me à Vela" e a aquisição de uma canoa típica do Tejo, "promovendo as actividades culturais, recreativas e a identidade local", são exemplos de projectos apoiados pelo Programa através da ADREPES. Em Torres Novas, a existência de um velho moinho de água e a memória do cultivo de cereais realizado ao longo do Almonda, estão na origem de um projecto de Turismo de Habitação, apoiado pela ADIRN. O Guadiana evoca memórias, actividades e mudança, numa "(...) paisagem em que o rio assoma a cada curva, a flora e a fauna reafirmam que se está bem por ali. São praias fluviais, as artes da pesca, os ensopados de enguias, a apetitosa lampreia." (Associação Terras do Baixo Guadiana).

Também no território de Basto, os rios marcam a actividade das populações, "(...) garantindo a produtividade dos seus solos agrícolas (...) trazendo uma importante mais-valia através da exploração da energia hidroeléctrica nas modernas mini-hídricas em exploração (...) garantindo a dinamização de uma nova actividade turística, potenciadora de esforços complementares como o alojamento turístico, a restauração, o artesanato e as actividades agro-industriais." (F. Botelho)

No Minho, a arte da pesca e as pesqueiras do rio Minho constituem um elemento importante do património e história da região. "Pontos de pesca, construídos a partir da utilização das massas rochosas existentes nas margens do rio, são exemplos de arquitectura popular." (J. Limão)

Na narrativa de João Carlos Pinho, da ADRIMAG, o percurso de uma gota que nasceu "(...) no alto da Gralheira, local agreste de penedos cinzentos", evoca simultaneamente a beleza dos rios, a sua vulnerabilidade e as ameaças que enfrentam e se avolumam à medida que se aproximam da costa e das zonas de concentração urbana. Um convite a todos e um incentivo para nos mantermos alerta, inquietos, cidadãos.

O Território que damos a conhecer neste número constitui a zona de intervenção da ADRIMAG. De acordo com o coordenador desta associação, a demografia é "um dos principais problemas" deste território. O êxodo populacional tem especial incidência na "fuga de quadros médios", e a inversão deste fenómeno "é muito complicada". Uma eventual solução terá de passar por mudanças na "habitabilidade, infra-estruturas, acessibilidades e economia". Uma região onde o sector primário, apesar de um decréscimo acentuado, mantém ainda um peso significativo, ocupando 44 por cento da população activa. Uma região onde o património ambiental e paisagístico constitui um dos grandes trunfos, com as serras de Montemuro, Arada e Gralheira e os rios Paiva e Vouga (classificados no âmbito da Rede Natura 2000) como referências obrigatórias.

Para além do habitual convite para um fim-de-semana - De Arouca à Serra da Freita -, neste número, na rubrica "Produtos e Produtores", mais uma história: desta feita, uma história de amor de um homem pelo seu lugar e pela história a que pertence... "(...) um empresário, de facto.", mas também um "(...) entusiasta colecionador de rastros deixados na pedra pelo tempo" (M.

R. Afanina).

Pedido de envio do Jornal Pessoas e Lugares

Nome:	
Organização:	
Função:	
Morada:	
Código postal: -	
Telefone:	Fax:
E-mail:	
Comentários:	
Recorte ou fotocopie, e envie para: IDRHa, Rede Portuguesa LEADER+ Av. Defensores de Chaves, n.º 6 - 1049-063 Lisboa	

O **Pessoas e Lugares** - Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+ tem por objectivos:

- divulgar e promover o LEADER+;
- reforçar uma imagem positiva do mundo rural.

O **Pessoas e Lugares** tem uma periodicidade mensal e a sua distribuição é gratuita.

Se pretender receber o jornal **Pessoas e Lugares** preencha, por favor, o formulário anexo (recorte ou fotocopie) e envie para:

IDRHa
Rede Portuguesa LEADER+
Av. Defensores de Chaves, n.º 6
1049-063 Lisboa
Telf.: 21 3184419
Fax: 21 3577380

Ou aceda ao site da Rede Portuguesa LEADER+ www.leader.pt e preencha, por favor, *on line* o formulário disponível no *link* **Pessoas e Lugares**.

No caso de desejar receber mais do que um exemplar de determinado número do jornal **Pessoas e Lugares**, para distribuir num evento, por exemplo, pedimos o favor de fazer chegar essa informação ao IDRHa com a devida antecedência. Obrigado.

Com o LEADER

Rios de desenvolvimento

Rios, desenvolvimento e mundo rural: palavras que acentuam o sentido de força, acção, progresso e vida. Rios que abrem caminhos, cortam encostas, descem serras e montanhas. Rios que transportam, produzem, regam, criam e recriam. Rios que transformam, fazem e refazem as paisagens do nosso país. Rios de grandes variações e contrastes entre cheias e secas, entre vida e morte, entre força e desespero. Rios que tranquilizam e são fonte de energia. Pensar e reflectir sobre os rios e seus efeitos numa dada comunidade ou região, é claramente um tema que permite identificar algumas das ameaças, fragilidades e potencialidades para o desenvolvimento das zonas rurais.

Os rios são e sempre foram, para as zonas rurais, um factor estruturante com um significado profundo ao nível do desenvolvimento local e regional de importância vital para as comunidades que se desenvolveram nas suas margens. O uso múltiplo dos rios, enquanto meios de vida, de comunicação e de futuro, torna-se um elemento de riqueza e progresso que, cada vez mais, exige preservação e cuidado com a sua manutenção. O homem sempre se fixou perto de rios que, enquanto factor de riqueza, ligam regiões e povoados. Por isso, desenvolveram-se nas suas margens fábricas, estaleiros, pequenas indústrias, unidades de comércio e de distribuição de mercadorias e actividades diversas relacionadas com a luta do homem pela sobrevivência e procura de melhores condições de vida. Em torno dos rios edificaram-se centros populacionais de algum significado, aos quais se foram agregando núcleos industriais ou fortalecendo zonas agrícolas.

O programa LEADER tem vindo a apoiar e intensificar o desenvolvimento de actividades múltiplas em torno dos rios: reabilitação de zonas ribeirinhas; recuperação de azenhas; requalificação de moinhos de água e azenhas; implementação de equipamento urbano em praias fluviais; criação de piscinas flutuantes; animação turística; criação de parques de lazer e recreio; realização de actividades desportivas (vela, pesca recreativa, canoagem, mergulho); reconstrução de levadas; revalorização de casas de moinho; criação de percursos contemplativos da beleza natural e tranquilidade que proporcionam os rios. Muitos destes projectos correspondem a nichos de mercado capazes de competir com a mercantilização da vida e do lazer em grandes espaços.

Actividades de turismo e lazer na valorização dos rios

O desenvolvimento de actividades vocacionadas para o turismo e lazer junto dos rios tem contribuído para a valorização e melhoria destes espaços, estimulando a criação de novas actividades, que ganham cada vez mais adeptos, e potenciam pequenos pólos dinamizadores de núcleos rurais, favorecendo a criação de novos postos de trabalho e a revitalização de actividades em declínio, sustentando o desenvolvimento das comunidades locais. Para exemplificar, refira-se um projecto que, no âmbito do LEADER I (Desteque - Associação para o Desenvolvimento da Terra Quente), conseguiu inverter o movimento de isolamento e retração de uma zona ribeirinha e gerar um maior dinamismo: um pequeno apoio a um cais acostável, numa aldeia ribeirinha ao Douro Internacional, no concelho de Carraceda de Ansiães permitiu que residentes e visitantes atracassem em segurança nesta margem do rio Douro. Hoje, neste local, famoso pela sua paisagem, realizam-se desportos náuticos, pesca desportiva e outras actividades geradoras de dinamismo. Devendo obviamente cuidar-se dos impactes ambientais e paisagísticos destas actividades, este exemplo traduz toda a potencialidade do programa LEADER, através do qual se podem desenvolver e recriar uma vasta gama de acções e actividades propiciadoras de mais investimento, qualidade de vida e preocupação ecológica e ambiental nas zonas rurais.

Estes projectos, com um reduzido financiamento público e algum investimento privado, têm servido para valorizar o património natural, ambiental e até simbólico em torno dos rios, ajudando a adequar a sua

utilização às necessidades das populações e ao próprio desenvolvimento do território. Torna-se vital manter este tipo de investimentos que têm vindo, não só, a consolidar ideias e projectos inovadores, como também, a transformar algumas actividades em instrumentos comerciais geradores de riqueza e mais investimento local. Criar uma rede de espaços e de actividades ligadas aos rios orientadas para o lazer, a animação, o desporto, a ecologia, que tenham em conta a valorização da paisagem e do meio ambiente, contribuirá certamente para um melhor bem-estar público e para o desenvolvimento equilibrado das zonas rurais.

Há pois que continuar a desenvolver esforços em torno da qualidade dos rios, valorizando e preservando um dos mais importantes recursos naturais do planeta, pois os rios, fonte de vida e de renascimento, podem ser também, senão devidamente cuidados, fonte de destruição e de poluição, pelo uso incorrecto dos solos, pela poluição e degradação ambiental. A presença humana que, muitas vezes, tem maltratado os rios, tem sido marcada com impactes e sequelas ambientais gravíssimas para os ecossistemas associados aos rios. A escassez das suas águas tem sido também causa de disputas, conflitos e litígios entre os seus utilizadores, quer sejam indivíduos, organizações ou mesmo regiões e países, justificando-se, cada vez mais, o estabelecimento de acordos ou protocolos relativos à utilização dos caudais dos rios e gestão dos recursos hídricos.

Os rios, fonte de diversidade de vida animal e vegetal, são bens preciosos e úteis, que podem assumir funções básicas para além do abastecimento das populações, a irrigação ou a produção de energia, tais como a função biológica e natural, a técnica, a cultural e recreativa. Estamos todos alertados para o grande problema que se avizinha para este século, relacionado com a falta de água. Por isso, torna-se de vital importância cuidar e proteger os nossos rios, dando-lhe o valor que é devido, protegendo a especificidade do sistema hidrológico e de drenagem através de uma utilização criteriosa e adequada, tendo atenção a que os recursos do planeta se podem esgotar.

Por fim, importa frisar a importância de se manter e cuidar da protecção ecológica e ambiental da água e dos rios, valorizando actividades que protegem a utilização dos recursos hídricos em Portugal. A Agenda 21, documento aprovado na conferência do Rio de Janeiro, em 1992, no âmbito da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento invoca, a este propósito, um conjunto de sugestões e recomendações orientadas para o desenvolvimento sustentável que, pela sua pertinência e actualidade, continuam cada vez mais válidas e que importa, por isso, respeitar e concretizar.

Maria do Rosário Serafim



Guadiana

No rio Guadiana... deambulamos por entre salinas, sapais, montes e vales, ribeiras e ancoradouros. Numa paisagem em que o rio assoma a cada curva, a flora e a fauna reafirmam que se está bem por ali. São praias fluviais, as artes da pesca, os ensopados de enguias, a apetitosa lampreia. O rio está por perto e sempre amigo. São sinais de labuta simples, a cestaria em cana, as rendas de bilros, as miniaturas em madeira. Seguimos ao encontro de vestígios milenares de ocupação humana, desde o neolítico à época fenícia, romana ou árabe. Castelos, muralhas, torreões circulares e torres quadrangulares. E o prazer da descoberta da arquitectura rural à entrada de cada povoação...



Terras do Baixo Guadiana

O projecto "Dinamização da Prática de Desportos Náuticos - Canoagem", apoiado pelo programa LEADER+, através da Associação Terras do Baixo Guadiana, demonstrou que a criação de condições para a fixação dos jovens é igualmente um objectivo a atingir no âmbito das iniciativas promovidas visando a participação da população.

Este projecto, cujo objectivo primordial é incentivar os jovens para a prática dos desportos náuticos, consistiu na aquisição de uma viatura e de um atrelado com capacidade de transporte e 14 canoas K1 e respectivas pagaiais; equipamento este que melhorou as condições dos atletas nas deslocações e participações em competições a nível nacional e regional.

De carácter inovador em termos de modalidade desportiva, o projecto apresenta um potencial enorme em termos das condições naturais existentes na região, com o rio Guadiana como cenário.

A adesão dos jovens tem sido substancial, existindo condições para o grupo Desportivo de Alcoutim alargar a sua área de influência, nomeadamente através da realização de provas de âmbito local (que têm tido grande receptividade na comunidade) e da participação dos seus atletas em provas de âmbito regional e nacional, esperando alargar esta participação a nível internacional num futuro próximo.

A Terras do Baixo Guadiana acredita que projectos como este podem ser um grande contributo para os jovens e para a região. Além de melhorar as condições da prática da canoagem, com resultados bastante satisfatórios na modalidade, com a conquista do 1º lugar Infantis K1 (campeão regional), Júnior C1 (campeão regional em 2003) e de boas classificações em provas nacionais, o projecto deu visibilidade à região do Baixo Guadiana.

Terras do Baixo Guadiana

Ribeira de Linhares

Lagar-Museu abre as portas às escolas

"O Lagar de Azeite Mário Gomes Figueira está integrado numa propriedade agrícola serpenteada por uma ribeira - a ribeira de Linhares, com nascente na aldeia histórica da Serra da Estrela, Linhares da Beira - com dois açudes e uma nora, erguendo-se enormes e antigos amieiros ao longo das margens.

O lagar iniciou a sua laboração no século XIX, numa outra propriedade da mesma família, situada à beira da ribeira, sendo nessa época um lagar de vara. A sua laboração foi uma constante através dos tempos até ao ano de 1989. O funcionamento do lagar dependia da energia eléctrica e da energia hídrica. A água, desviada do leito da ribeira e controlado o seu caudal por uma comporta, seguia por uma levada de terra batida e, finalmente, por uma levada em pedra que terminava por uma caleira de madeira, que fazia cair a água sobre a roda motora hidráulica, produzindo o seu funcionamento. O movimento da roda accionava o movimento do moinho com duas galgas.

Para além do moinho, o lagar está equipado com uma batadeira, uma encapachadora, duas prensas hidráulicas, uma bateria com dois manómetros para regista da pressão das prensas, uma centrífuga, uma caldeira, seis tarefas, uma arca para guardar as maquinas e artefactos vários utilizados durante a produção de azeite."

In "Memória Descritiva, Candidatura ao Programa LEADER+ Serra da Estrela"

Todo este património arquitectónico, industrial e cultural, ligado à tradição do azeite, foi recuperado e preservado pelo programa LEADER+ através da ADRUSE - Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela.

Inaugurado no passado dia 9 de Dezembro, o Lagar-Museu Mário Gomes Figueira, situado na freguesia de Vila Franca da Serra (concelho de Gouveia), pretende ser uma "casa viva" recheada de "estórias" para contar e divulgar às gerações mais novas. "Abrir as portas às escolas" para a divulgação do saber-fazer tradicional, revitalizando os usos e costumes da população rural, bem como valorizar a azeitona e o azeite

(produtos tradicionais de qualidade da Serra da Estrela), é um dos objectivos primordiais da iniciativa.

A iniciativa, promovida pela Associação Cultural Mário Gomes Figueira, abrange outras valências complementares ao projecto de lagar-museu, e veio enriquecer o roteiro museológico e cultural da Serra da Estrela.

ADRUSE



ADRUSE

Gotas de desenvolvimento

“Quero voltar ao ponto de partida, reviver esta aventura, sentir que as sementes de desenvolvimento que vão chegando à minha terra natal, produzirão frutos apetecíveis e succulentos, aproveitando o que a serra tem de melhor, mas não se aproveitando dela.”

Certo dia, sentado num rochedo à beira mar, dei por mim a olhar fixamente uma gota de água, resultante de um salpico de uma onda mais agitada, daquelas que teimam constantemente em esmagar as rochas. Abstraindo-me da beleza marinha que me rodeava, fitei a gota solitária e dei comigo a pensar que histórias me contaria aquela gota... se falasse...

Arrisquei o impossível, dei voz ao silêncio e escutei atentamente aquilo que aquela límpida e transparente gota, tinha para me dizer. “Nasci no alto da Gralheira, local agreste de penedos cinzentos, e de braço dado com algumas irmãs, que também brotavam da mesma rocha, abracei uma aventura de quilómetros, na ânsia de, cada vez, me sentir mais acompanhada e rodeada por mais e mais gotas que se juntavam ao longo do caminho, transformando o riacho em ribeiro, o ribeiro em rio e o rio em oceano.

Os primeiros passos, ainda inseguros, por entre as fissuras do granito, moldaram-me a estrutura e deram-me a força necessária para o percurso, intercalado com troços de calma, onde crianças despreocupadas desenvolviam as suas brincadeiras em praias fluviais, que entrecortavam as encostas verdejantes, onde o verde é mais carregado.

As trutas, nadando contra a corrente que ajudei a formar, deram à minha viagem mais sentido, garantindo-me a pureza que as águas límpidas me sussurravam. Deslizavam na corrente jovens alegres, exteriorizando alegria em canoas e barcos de borracha, desafiando a força das águas, também turbulentas, propícias ao desafio e à irreverência de quem enfrenta a aventura com um sorriso jovial.

Desci as encostas em quedas abruptas, sentindo a brisa dos montes envolventes, brisa carregada de cheiros intensos que pairavam sobre os vales verdejantes. Cheiro a doce, cheiro a açúcar, a amêndoa, a castanha torrada, cheiro a doçaria conventual, cheiro a forno e lenha, a carne assada, cheiro intenso a algo de muito bom que não consegui provar, tal a voracidade da viagem.

As aldeias que vislumbrava ao longe, qual quadro pintado a negro do xisto, com chaminés ainda fumegantes, a velhinha que fiava na soleira da porta e os gritos de um pastor que chamava as arouquesas que pastavam pachorrotamente encosta acima, davam vida ao painel que tentei observar em êxtase, tal a beleza que me envolvia. Abandonada a serra? Não! Ainda se sente a vida dos poucos que teimam em manter-se presos às raízes que os viram nascer. Ouvem falar em globalização, em poluição, em urbanização desenfreada, em massificação, palavras que lhes entram em casa mas não pernôitam. Ao longe ecoava a palavra... DESENVOLVIMENTO. Muito ténue, quase inaudível, mas sentia-se a potencialidade da serra que percorria.

Descida a serra, as águas mais revoltas deram lugar ao espraír do rio numa planície mais vasta, mas o meu ar embevecido com a paisagem anterior, sofreu um abalo ao sentir que a minha viagem era agora efectuada com a companhia de gotas sujas, exalando odores

nauseabundos e que o quadro envolvente mudara radicalmente. As aldeias de xisto deram lugar ao cinzento do betão, as encostas verdejantes deram lugar a muros de tijolo e a calma da serra deu lugar ao bulício desenfreado da cidade, onde finalmente me juntei a um oceano agonizado com a pressão e o tratamento que vocês humanos lhe dão. Sinto que muito do que deixei para trás, sendo pouco em quantidade, é certamente de óptima qualidade. Não quero perder pitada, por isso, quero voltar ao ponto de partida, reviver esta aventura, sentir que as sementes de desenvolvimento que vão chegando à minha terra natal, produzirão frutos apetecíveis e succulentos, aproveitando o que a serra tem de melhor, mas não se aproveitando dela.”

Mergulhado no ensinamento da pequena gota, olhei em volta na esperança de poder argumentar e fazer valer o contraditório, mas a cidade totalmente debruçada sobre o mar toldava a minha mente e não permitia o desabrochar de novas ideias. Estendi o indicador, recolhi a pequena gota e sussurrei-lhe que a levaria ao seu ponto de partida se me promettesse em troca, ser companheira na viagem que desejava ardentemente realizar as Serras de Montemuro, Arada e Gralheira.



Foto de João Pinho

João Carlos Pinho
ADRMAG

Conforto e lazer na margem do Almonda

Tudo está a ser pensado para conjugar natureza, conforto e lazer. O conceito de turismo de habitação enquadra o projecto que se pretende afirmar pela qualidade. No centro está o rio Almonda e um antigo moinho de água.

À primeira vista, dir-se-ia não haver muito para ver. Mas pouco a pouco surge, pelas palavras de João Fernandes, proprietário e promotor do projecto, uma versão que lhe dá uma configuração interessante...

João Fernandes pôs mão à obra em 2001. E a decisão foi dar "uma finalidade" aos cerca de três hectares adquiridos anos antes "por um bom preço" na margem esquerda do rio Almonda, em Torres Novas. Um afluente do rio Tejo de extremo valor natural, que nasce na Serra de Aire e atravessa aquele concelho ribatejano.

A localização, a menos de uma centena de quilómetros de Lisboa e a uns escassos 40 Km do mar, e as acessibilidades, com a A1 e IP6 como as principais vias, eram os elementos mais atractivos da propriedade. Contudo, foi a componente "água" que pesou mais na hora de investir.

O magnífico cenário em tons de verde, o rio como espelho, retratando o céu e as árvores, e a existência de um moinho de água já desactivado (memória do cultivo de cereais realizado ao longo do Almonda), levaram João Fernandes a avançar com um projecto de Turismo de Habitação. Conciliar, ao nível da arquitectura, o que existia com os conceitos de modernidade e qualidade, foi o objectivo definido logo à partida.

Primando pela inovação, conjugando essencialmente dois materiais - madeira e pedra - João Fernandes projectou uma unidade de turismo de habitação, onde quem procure a qualidade desfrute da tranquilidade... do conforto e bem-estar...

Para além do moinho de água, cuja requalificação mereceu o apoio do programa LEADER+, através da ADIRN - Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte, o projecto integra, no piso superior, quatro espaçosas *suites* viradas para o Almonda (ou não se estivesse à beira de um rio), com todos os luxos de um hotel de cinco estrelas, uma sala de estar e uma *kitchenette*: no primitivo e adjacente edifício, de menor dimensão (provável casa do moleiro), uma grande sala de estar destaca-se entre outros espaços complementares previstos. No total, 400 m² de área coberta onde se procurará, sempre que possível, tirar partido do cenário envolvente. O vidro será deste modo um material igualmente privilegiado, marcando forte presença quer a nível arquitectónico quer decorativo.

Um todo coerente, oferecendo, para lá do conforto, uma agradável mistura de rusticidade e modernidade, é o que espera poder oferecer brevemente João Fernandes. Ao alojamento está associada a componente de lazer - "de grande qualidade" - consubstanciada, basicamente, em aprazíveis jardins em redor de todo o edifício e por toda a propriedade, cuja componente hídrica surgirá naturalmente realçada.

Agora que está terminado o trabalho de limpeza do rio e construção dos muros de suporte da levada que conduz a água desde que entra até que sai da propriedade - feitos exclusiva e meticulosamente com pedra de Porto de Mós - e da estrutura principal do projecto, é chegado o momento de avançar para a fase dos acabamentos: isto, numa altura em que João Fernandes admite já ter investido cerca de 500 mil euros no projecto.

Um projecto que acontece quase por caso na vida deste jovem... Natural da freguesia de Riachos (Torres Novas), João Fernandes vai para Lisboa para se formar em Economia. Em 1997, com anos de experiência como consultor na área financeira, com currículo feito inclusive em Angola e Moçambique, regressa às origens para dirigir o negócio da família, no sector agro-alimentar.

A aquisição do moinho dos Mesões, surge como "uma boa oportunidade de negócio". Decidido a "abrir horizontes" e a rentabilizar a propriedade, João Fernandes "agarra" o projecto, investindo nele todo o tempo (e dinheiro) que pode. "Tenho muitas ideias; venho cá quase todos os dias". Palavras de João Fernandes que levam a acreditar que este é um projecto em que tudo é pensado ao mais infimo pormenor: da localização das portas e janelas aos materiais utilizados... O Almonda faz o resto...

Paula Matos dos Santos



Paula Matos dos Santos

Pesqueiras do rio Minho

Património histórico e cultural ímpar

Edificações únicas, com considerável importância histórica, peso económico relativo e elevado potencial turístico, as pesqueiras do rio Minho asseguram uma débil sobrevivência, ameaçadas pela redução da capacidade económica e pelas barragens projectadas para o rio.

"Este tipo de pesqueiras só existe aqui". A frase de Ana Paula Xavier, coordenadora do Grupo de Acção Local (GAL) da ADRIMINHO - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho, expressa o carácter singular deste património. A arte da pesca e as pesqueiras do Minho são um dos grandes pilares do património e história da região. Pontos de pesca, construídos a partir da utilização das massas rochosas existentes nas margens do rio, são exemplos de arquitectura popular.



© Joã Limão

A construção implica sabedoria na arte de rachar a rocha, escolher o aparelho dos muros, adoptar forma e orientação das pesqueiras. Em simultâneo, a feitura das redes revela um conhecimento artesanal, que os mestres redeiros têm sabido preservar, apesar da introdução de algumas mudanças impostas pelo progresso, como a utilização do *nylon* em vez do cânhamo, ou da bóia em plástico em vez da cabaça.

Adivinha-se que a utilização de pesqueiras remonte à cultura castreja. Segundo Antero Leite, no livro *As pesqueiras do Rio Minho* (editado pela COREMA - Associação de Defesa do Património), "a disseminação espacial das pesqueiras, em território nacional, tende a acompanhar a da implantação fluvial dos núcleos castrejos".

Com a romanização, especialmente a partir da invasão de Júlio César, em 59 a.C., terão sido introduzidos alguns aperfeiçoamentos técnicos na construção de pesqueiras, mas o declínio do Império permite que, a partir de 406 d.C., vândalos, alanos, suevos e visigodos invadam a Península. Durante os séculos V e VI d.C., o mapa político ibérico sofre inúmeras mutações, mas apesar dos focos de instabilidade, a necessidade de aproveitamento de recursos naturais parece ter originado o aumento do número de pesqueiras, durante o período de ocupação sueva. Uma tendência que se acentuou na época visigótica, quando teriam uma "utilização intensiva".

Praticamente imune à presença muçulmana, a Ribeira do Minho assistiu à "Reconquista" e a formação de Portugal, mantendo as pesqueiras um importante papel na economia local, e resistindo ao conturbado período da Idade Média. Por isso, não é estranho que, segundo Antero Leite, a mais antiga relação de pesqueiras, datada de 31 de Maio de 1897 e que acompanha a "Acta da Entrega da Linha de Fronteira", contabilize, na margem esquerda do Minho, 169 pesqueiras e 23 pescotes, sendo que 154 pesqueiras e nove pescotes continuavam em condições de utilização.

236 pesqueiras em utilização

Ao contrário do que se poderia supor, o século XX não marcou a redução desta actividade, nem das pesqueiras. Ainda de acordo com o mesmo autor, o levantamento das pesqueiras realizado pela COREMA, em 1995, apontou para a existência de 236 pesqueiras utilizadas e 268 não utilizadas. Um património único e inestimável, que coloca as pesqueiras em vias de classificação como património nacional e paisagem cultural da UNESCO.

Além da evidente importância histórica e patrimonial das artes da pesca, o rio Minho também representa importante recurso natural e económico. Este é o rio salmonídeo mais a sul de toda a Europa. Refúgio de espécies como o salmão (*Salmo salar*), sável (*Alosa alosa*) e lampreia (*Petromyzon marinus*), que continuam a ser encontradas nas águas do Minho, apesar da redução drástica de *stocks*. A necessidade de protecção das espécies expressa-se através da integração na Rede Natura 2000 e nas propostas para biótopo Corine.

No domínio da economia, os recursos piscatórios do rio Minho sempre constitu-



© Joã Limão

iram recurso significativo na economia das populações das suas margens. Importante para o sector primário e com efeitos no sector terciário, em particular na restauração, devido ao valor gastronómico de espécies como a lampreia, sável e salmão. Segundo Ana Paula Xavier, apesar da "redução no volume da pesca" o peso económico da actividade "ainda é relevante", embora variável de zona para zona, e em função das épocas do ano. "Em Valença e Melgaço ainda é uma fonte alternativa de rendimento, principalmente derivada da restauração e gastronomia da lampreia". Especialmente durante o período de Fevereiro a Maio, a época da lampreia continua a mobilizar muita gente. É o período das festas e domingos gastronómicos. Uma dinâmica que ultrapassa a perspectiva económica associada à pesca e à venda de peixe, e que se aproxima da potencialidade turística "associada à gastronomia e paisagem", adianta a coordenadora do GAL da ADRIMINHO. Neste sentido, têm sido desenvolvidos a Rota das Pesqueiras, e outros percursos pedestres que se fazem nesta época, para que os visitantes possam conhecer a tradição.

Sobre esta riqueza patrimonial e económica pairam algumas "nuvens negras". A anunciada construção da barragem da Sela, em 1968, ameaçava pôr fim às pesqueiras. Contudo, devido à pressão dos municípios, e face a um estudo da Associação Portuguesa de Biólogos (APB), chegou-se à conclusão que o projecto não tinha viabilidade ambiental. Por isso, em Maio de 1998, uma Comissão Mista Luso-Espanhola inviabilizou o projecto.

Na actualidade, a problemática associada à construção de barragens debate-se com nova proposta, para a construção de três barragens pelo consórcio constituído por Union Fenosa e EDP.

O projecto tem gerado contestação dos dois lados da fronteira, por levantar preocupações de carácter ambiental e económico, derivadas de eventuais alterações climáticas. Estas mudanças no micro-clima, poderão ter impacto na cultura do vinho Alvarinho, além de que as albufeiras devem submergir centenas de pesqueiras milenares.

Para Ana Paula Xavier, o projecto "pode implicar o desaparecimento das pesqueiras e da vinha", e pode ser "altamente penalizador para alguns concelhos, particularmente Melgaço". Por isso, a ADRIMINHO não hesita, e "subscreve a posição dos seus associados", que se manifestam "contra a construção das barragens". O empreendimento não vale os riscos a que está associado, pois segundo a coordenadora da ADRIMINHO, "o rio Minho é fundamental no nosso vale e é elemento caracterizador da região".

João Limão

Tejo e Sado

“Descobrir e admirar a imponência do rio Tejo... Contemplar e mergulhar na eterna beleza do rio Sado...” É o convite da Adrepes, que através do LEADER+ tem vindo a apoiar projectos em torno dos mesmos.

As Reservas Naturais do Estuário do Tejo e do Sado enriquecem a Península de Setúbal de biodiversidade e encanto, proporcionando o desenvolvimento de várias actividades.

Criada em 1976, a Reserva Natural do Estuário do Tejo situa-se a norte de Alcochete, ocupando uma superfície de 14 560 hectares e abrangendo áreas de águas estuarinas, zonas de lamas e sapal, salinas, mouchões e terrenos agrícolas. A observação de aves permite viver momentos de excepcional beleza, salientando-se a emblemática ave do rio Tejo, o Flamingo-comum.

A Reserva Natural do Estuário do Sado existe desde 1980 e estende-se por uma área de 23 160 hectares, dos quais 13 500 são de área estuarina. Este é um local de nidificação e repouso para a avifauna e de desova, desenvolvimento e crescimento de muitas espécies de peixe. A maioria das actividades tradicionais do rio Sado gira à volta dos recursos que o estuário oferece: pesca, aquicultura e orizicultura.

Quando se fala do rio Sado temos obrigatoriamente de referir o Roaz-corvineiro, uma das espécies de golfinhos que habita estas águas e faz as delícias dos visitantes. Em Setúbal existem empresas dedicadas à observação de golfinhos permitindo o contacto com

esta espécie de forma agradável, segura e não invasora.

As populações ribeirinhas da Moita e Alcochete sempre tiveram uma forte ligação ao rio, prova disso são os barcos típicos que existem no estaleiro naval tradicional em Sarilhos Pequenos. Ao longo dos tempos, catraios, fragatas e cacilheiros cruzaram o rio entre Lisboa e a zona sul, com mercadorias e passageiros.

O projecto “Vem Conhecer-me à Vela” reúne um conjunto de actividades de animação a partir das tradições culturais e desportivas dos barcos à vela, assumindo como objectivo principal a valorização deste património junto da população jovem residente nas freguesias de Alhos Vedros, Moita e Gaio-Rosário. Outro projecto apoiado pelo programa LEADER+, através da ADREPES - Associação para o Desenvolvimento Rural da Península de Setúbal, visa a aquisição de uma canoa típica do Tejo aumentando o espólio museológico existente na Associação Naval Sarilhense, promovendo as actividades culturais, recreativas e a identidade local.

A importante biodiversidade dos rios Tejo e Sado desencadeou, junto de diversas instituições, a elaboração de projectos de Educação Ambiental que divulgam as espécies existentes nestes estuários e promovem a sua preservação. Exemplo disso é a Aldeia do Tejo, em Sarilhos Pequenos, com um espaço de promoção e divulgação ambiental, dotado de num auditório com 40 lugares.

Outro local de elevado interesse é o Moinho de Maré da Mourisca. Situado no Estuário do Sado, numa zona de sapal e salinas e rodeado de terrenos anteriormente usados para o cultivo do arroz, este espaço tem um centro de interpretação, local de exposição, parque de merendas, caminhos para passeios pedestres e loja.

A gestão deste património passará por conciliar as actividades económicas ligadas aos rios com a conservação das espécies e valorização do património natural e cultural, envolvendo a população em processos de sensibilização e promovendo a investigação.

Cláudia Bandeiras
ADREPES

Empresas que operam nos estuários do Tejo e do Sado (informação da ADREPES):

Alcatejo - Embarcação Tradicional do Tejo

Posto de Turismo de Alcochete
212 342 631

Nautur - Sociedade de Actividades Marítimo Turísticas, Lda.

Tel.: 265 532 914
www.nautur.com

Planeta Terra, Lda.

919 471 871
www.planetaterra.pt

SAL - Sistemas de Ar Livre, Lda.

265 227 685
www.sal.pt

TroiaCruze - Navegação Costeira de Cruzeiro, Lda.

265 228 482
www.troiacruze.com

Turisbuilding - Actividades Marítimo-Turísticas, S.A.

912 154 449
turisbuilding@vodafone.pt

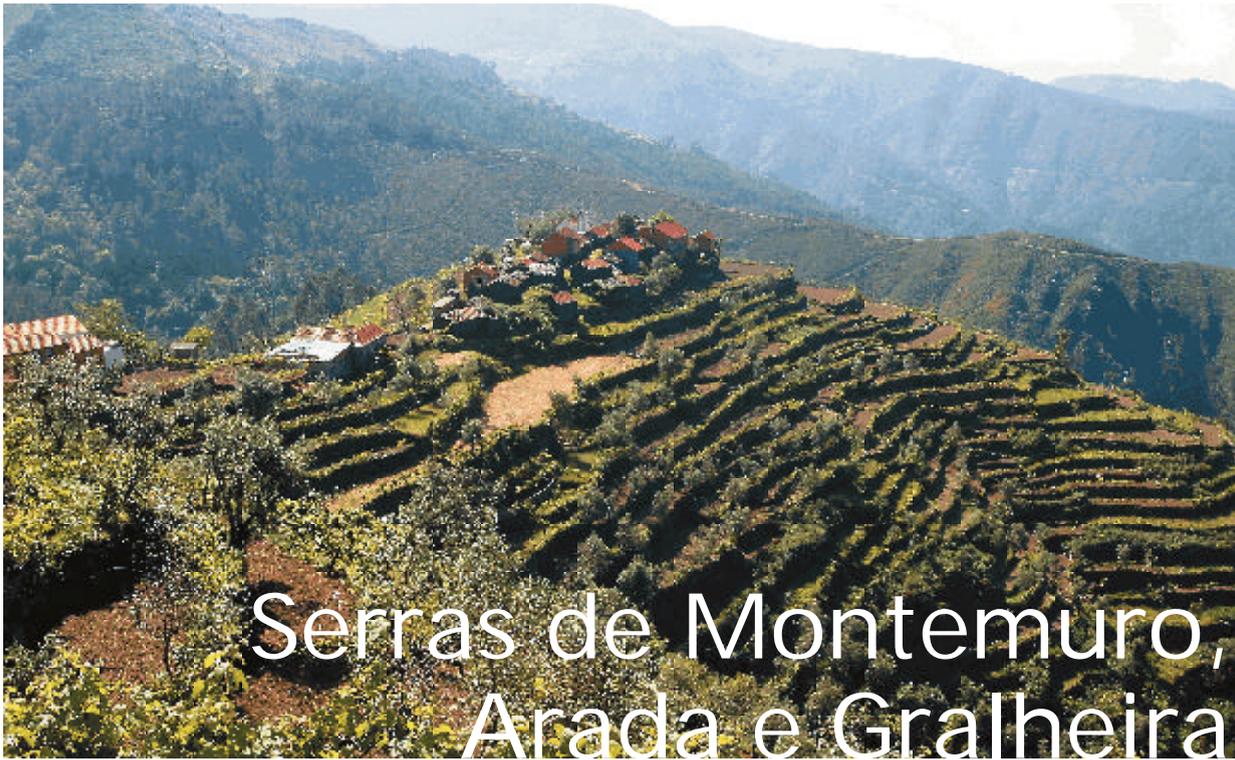
Vertigem Azul - Turismo de Natureza, Lda.

265 238 000
www.vertigemazul.com

CINZAMBU - Centro de Interpretação da Natureza do Zambujalinho

Tel. 212 198 910
cinzamb@aflops.pt





Serras de Montemuro, Arada e Gralheira

Território rural, localizado numa zona de intercepção entre três grandes centros urbanos, o território da ADRIMAG não beneficia desta situação, sofrendo a síndrome de ser ponto de passagem. Uma tendência que exige inversão, para solidificar a aposta no sector do turismo. Uma forma de compensar o decréscimo de importância da agricultura.

Sete concelhos. Arouca, Castelo de Paiva, Castro Daire, Sever do Vouga e Vale de Cambra completos, e algumas freguesias de Cinfaes (8) e São Pedro do Sul (7), constituem a Zona de Intervenção (ZI) da ADRIMAG - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras de Montemuro, Arada e Gralheira.

Uma extensão de 1 308 km², compreendida entre os rios Douro e Vouga, e dividida por quatro diferentes NUTS III: Tâmega e Entre Douro-e-Vouga (Norte), Dão-Lafões e Baixo Vouga (Centro). A complexidade administrativa é desconsiderada pela homogeneidade territorial defendida pelo coordenador do Grupo de Acção Local (GAL) da ADRIMAG, João Carlos Pinho, e assenta na coincidência com a "cordilheira montanhosa" que dá o nome à associação.

A localização estratégica no triângulo compreendido entre as cidades do Porto, Aveiro e Viseu, é apontado como um dos pontos fortes do território, através das acessibilidades. Contudo, a opinião do coordenador do GAL vai no sentido inverso. "As acessibilidades são péssimas, e as ligações dentro da região são complicadíssimas", com evidentes limitações nas ligações inter-concelhos.

Este factor, aliado ao elevado índice de ruralidade tem repercussões ao nível do efectivo populacional. De acordo com os resultados dos Censos de 2001, a população residente é de 99 832 habitantes, o que representa uma descida de -1,5 pontos percentuais em relação a 1991. Dos quatro concelhos em que se verifica uma descida, Castro Daire é

o mais atingido, com -6,4 por cento de redução do efectivo populacional, seguindo-se Sever do Vouga (-4,6%), Cinfaes (-4,5%) e S. Pedro do Sul (-4,5%).

No sentido inverso, Castelo de Paiva regista uma subida de cinco pontos percentuais. Uma tendência que se repete, com menor expressividade, em Arouca (1,7%) e Vale de Cambra (1,1%).

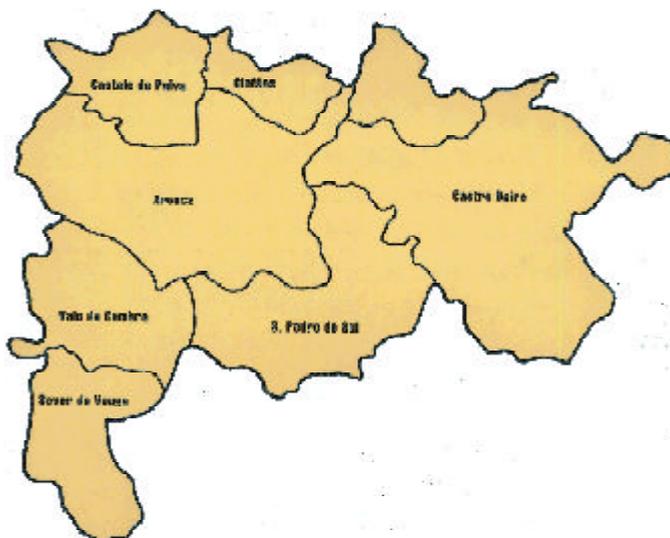
De acordo com o coordenador do GAL, a demografia é "um dos principais problemas" do território. O êxodo populacional tem especial incidência na "fuga de quadros médios", e a inversão deste fenómeno "é muito complicada". Uma eventual solução terá de passar por mudanças na "habitabilidade, infra-estruturas, acessibilidades e economia". A tendência demográfica decrescente é compensada por algum equilíbrio etário. Segundo dados da ADRIMAG, 57 por cento da população tem menos de 40 anos, e 61 por cento tem entre 15 e 64 anos. Contudo, os números do INE - Instituto Nacional de Estatística assinalam que o segmento populacional de "0-14 anos" regista uma acentuada descida em todos os concelhos, atingindo valores alarmantes em Castro Daire (-29%), Sever do Vouga (-28,5%) e S. Pedro do Sul (-28,2%). O concelho menos atingido por esta tendência é Castelo de Paiva que, mesmo assim, regista uma descida de -14,5 por cento. Uma tendência negativa que se mantém na classe etária de "14-25 anos", embora de forma menos acentuada.

Apesar de apenas 17,3 por cento do efectivo populacional ter idade superior a 65 anos, este escalão é aquele que regista a subida populacional mais acentuada, atingindo os valores mais preocupantes em Castelo de Paiva (25,9%) e Vale de Cambra (23,1%).

No capítulo da economia, a região está marcada pela vincada traça agrícola. Apesar da tendência decrescente, o sector primário continua a ocupar 44 por cento da população activa do território. Número que se reflecte de forma mais acentuada na fatia de população das zonas de altitude e do interior, perdendo peso significativo na parte ocidental da região e nas zonas mais urbanizadas, que geralmente coincidem com as sedes de concelho.

Condicionada pela grande divisão da propriedade agrícola e pela orografia, que condicionam índices de produtividade, as potencialidades

Zona de Intervenção LEADER+



deste sector assentam na aposta na "qualidade e especificidade", patente em produtos como a carne de vaca arouquesa, cabrito da Gralheira, vinho verde, vinho do Dão, queijo de vaca arouquesa ou mirtilo, que podem permitir a afirmação em mercados competitivos. A menor expressividade do sector secundário está patente nos 31 por cento de população activa que ocupa, e é formado por um tecido empresarial constituído por pequenas empresas ligadas à indústria extractiva ou transformadora, quase sempre familiares. A extracção de granitos, indústrias metalúrgicas, transformadoras de madeiras, agro-alimentares e de vestuário, são as principais áreas de empreendimento. As limitações do sector passam pela carência de infra-estruturas, de acessos viários, falta de mão-de-obra qualificada, falta de capacidade empreendedora e espírito empresarial. Por fim, o sector terciário é o menos expressivo, empregando apenas 24 por cento da população activa. Apesar de proporcionar um nível satisfatório de bens e serviços, este sector encontra-se concentrado nas sedes de concelho.

Serras e rios com elevado potencial

Actividades escassas para assegurar a manutenção populacional. Por isso, a serra e os rios começam a ser olhados como fontes de riqueza e desenvolvimento. Segundo João Carlos Pinho, "os autarcas começam a ver na serra uma grande potencialidade", que abre oportunidades de aproveitamento turístico e consumo. A riqueza ambiental e paisagística é um dos principais trunfos neste sector. As serras de Montemuro, Arada e Gralheira, e os rios Paiva e Vouga, estão classificados no âmbito da Rede Natura 2000. O rio Paiva é, inclusive, um dos menos poluídos da Europa. Mas, o conjunto de potencialidades não se esgota no ambiente. Ao nível do património cultural e arquitectónico, o território dispõe de exemplares como o Convento de Arouca, que inclui o Museu de Arte Sacra, o Mosteiro de Tarouquela de Santa Maria Maior, o convento de S. Cristóvão, em S. Pedro do Sul, as capelas de Escamarão de Nossa Senhora da Natividade e Monte de Santo Adrião, a Igreja de Real, ou a Igreja Paroquial da Ermida. Excelentes exemplos de arquitectura religiosa. Uma riqueza que se prolonga no domínio da arqueologia, onde o território regista zonas com a presença de dólmenes, com destaque para o da Cerqueira, em Couto de Esteves, as gravuras rupestres do Forno dos Mouros, e a via romana em Ereira, além do Castro da Cárcoda ou Outeiro dos Riscos. Em paralelo, afirma-se o elevado potencial da termas de São Pedro do Sul, e a emergente descoberta do potencial das minas de carvão, chumbo e volfrâmio, como em Regoufe e Rio de Frades, que podem ser reconvertidas como produtos turísticos, nomeadamente através da criação de percursos. Património histórico, que pode ser adornado pelo artesanato variado:

chapelaria, cestaria, latoaria, tamancaria, tecelagem de linho e lã (mantas, lençóis e toalhas em linho, capuchas em burel e rendas de algodão), miniaturas em madeira e barros negros. Tudo isto, aliado à riqueza gastronómica patente no arroz de lampreia, trutas de escabeche, sável frito, cozido à lavrador, bife à Lapadas, carne de raça arouquesa (vitela assada, posta e costela), bife de Alvarenga, cabrito assado da Gralheira, orelha com arroz de feijão, torresmos, carnes de porco fumadas e rojões, presunto fumado, salpicão, chouriça, pão de milho caseiro, bolo podre, queijos frescos e mel. Iguarias várias, retocadas pela presença de uma rica doçaria conventual, de que são exemplo as castanhas doces, manjar de língua, barrigas de freira, ros-cas e charutos de amêndoa, morcelas doces, e bola de S. Bernardo. Razões mais do que suficientes, para que João Carlos Pinho acredite que o território tem "imensas possibilidades" no sector do turismo. O problema é que a região "não é um destino turístico", mas sim um "território de passagem". Na base deste problema, encontra-se o "défice de infra-estruturas", traduzido na escassez de respostas para alojamento. Por isso, o modelo adequado para inverter este fenómeno passa pela aposta na construção de infra-estruturas para alojamento, e em dar continuidade ao desenvolvimento de actividades como *rafting* no rio Paiva ou a canoagem no rio Vouga, que inspiram a visita de turistas, que procuram estas actividades.

João Limão



ADRMAG

Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras de Montemuro, Arada e Gralheira



A ADRMAG nasceu em 1991 com o LEADER I, quando um grupo de pessoas individuais ligadas à Zona Agrária de Arouca se uniu em torno da ideia de gerir, localmente, um programa de iniciativa comunitária. Quatro anos depois, na transição para o LEADER II, sobravam dificuldades e, caso único no universo do LEADER I, 22 por cento da verba por executar. Para a associação sair illesa do processo, fez-se tábua rasa do passado para iniciar um novo capítulo. Os sócios originais abriram as portas às autarquias, e entrou também em acção uma nova coordenação, na pessoa de João Carlos Pinho, que deitou os bases do renascer da associação. A ADRMAG deixou de ser só gestora do LEADER para abrir, gradualmente, os horizontes com o Centro Rural em 1995, e a seguir a Formação Profissional.

A partir daí, a associação começa a desenvolver e ver crescer o número de técnicos. Do LEADER II para o LEADER+ a passagem foi muito mais suave, confirmando-se o protagonismo e a importância da estrutura. Hoje a associação conta com dez pessoas e um currículo profissional constituído por oito programas: AGRIS/Accção 7.1; LEADER+; EQUAL; Medida 2.5 Empregabilidade-AIBT (Accções Integradas de Base Territorial); Centro de Emprego Não Permanente: UNIVA de Arouca; Programa de Emprego e Protecção Social e PITER II. Na perspectiva do longo prazo e sustentabilidade da estrutura, pensando já na passagem do LEADER+ para o "não se sabe o que é que vai ser?, se é que vai ser?, ou até, não será nada?", o coordena-

dor da ETL admite que está a trabalhar na ideia de um "Gabinete da Serra". Pois, antes que a ausência de fundos se transforme num sufoco, "existe a necessidade de equacionar o que é que vai ser esta estrutura pós-2008, é nisso que estou a trabalhar agora, em conjunto com as autarquias, num Gabinete da Serra como entidade organizativa para o turismo desta região". Este passo inscreve-se, perfeitamente, na postura assumida pela associação, que quer ser reconhecida como "uma entidade útil no contexto da região". Útil aqui não rima de todo com fútil. Nas palavras de João Carlos Pinho tenta-se que "a ADRMAG seja cada vez menos vista como um saco de dinheiro." A obra feita ao longo destes anos é testemunho de uma enorme vontade de, sobretudo, não ser rotulada em função dos programas em curso. "Amanhã acaba o LEADER, o AGRIS, o EQUAL, e fecham-se as portas? Não é isso que nós queremos!" De acordo com esta filosofia, a associação faz mostra de coerência, quando aborda ou é abordada pelo seu público-alvo, "nós estamos aqui para colaborar, nos pormos ao lado deles, nem à frente, nem atrás, porque senão no dia em que a ADRMAG não tiver dinheiro, não serve para mais nada."

ADRMAG
Praça Brandão de Vasconcelos, nº10
4540-110 Arouca
Telefone: 256 940350
Fax: 256 940359
E-mail: adrmag@mail.telepac.pt
Internet: www.adrmag.com.pt (em manutenção)

Órgãos sociais

Assembleia-Geral: Presidente Maria do Rosário Amorim | Vice-Presidente António Lacerda Quaresma | Secretário Celso Portugal da Silva | **Direcção:** Presidente Câmara Municipal de Arouca (Alcino Marcelo Pinho) | Vice-Presidente Câmara Municipal de Vale de Cambra (António Alberto Gomes) | Secretário Câmara Municipal de Castelo de Paiva (Rui César Castro) | Tesoureiro Câmara Municipal de São Pedro do Sul (Adriano Azevedo) | Vogal Câmara Municipal de Sever do Vouga (António Coutinho) | **Conselho Fiscal:** Presidente Câmara Municipal de Castro Daire (João Matias) | Vogal Câmara Municipal de Cinfães (Pereira Pinto), Junta de Freguesia de Alvarenga (Jaime Dias)

Parceria LEADER+ (GAL)

Câmara Municipal de Arouca, Câmara Municipal de Castelo de Paiva, Câmara Municipal de Castro Daire, Câmara Municipal de Cinfães, Câmara Municipal de São Pedro do Sul, Câmara Municipal de Sever do Vouga, Câmara Municipal de Vale de Cambra, Junta de Freguesia de Alvarenga, Junta de Freguesia de Arouca, Região de Turismo da Rota da Luz, Adega Cooperativa de Castelo de Paiva, Associação Cultural e Recreativa de Tropeço, Grupo Etnográfico de Moldes, Cooperativa Mais-Àlém, Centro de Promoção Social Rainha Santa Mafalda, Valério & Figueiredo Lda., Ambiverde, Mirtilusa, Afonso Portugal da Silva, António Lacerda Quaresma, Celso Portugal da Silva, Pde João Rodrigues, Laurinda Brandão, Maria Ester Ferreira, Maria do Rosário Amorim, Manuel Andrade Vide

Associados

Públicos: Câmara Municipal de Arouca, Câmara Municipal de Castelo de Paiva, Câmara Municipal de Castro Daire, Câmara Municipal de Cinfães, Câmara Municipal de Sever do Vouga, Câmara Municipal de Vale de Cambra, Junta de Freguesia de Alvarenga, Junta de Freguesia de Arouca, Região de Turismo da Rota da Luz | **Privados:** Adega Cooperativa de Castelo de Paiva (304), Região de Turismo Rota da Luz (171), Adega Cooperativa de Castelo de Paiva (263), Associação Cultural e Recreativa de Tropeço (298), Grupo Etnográfico de Moldes (256), Cooperativa Mais-Àlém, Centro de Promoção Social Rainha Santa Mafalda, Escola Preparatória de Arouca, Valério & Figueiredo Lda. (48), Ambiverde, Lda., Mirtilusa, Individuais (11)

PDL LEADER+

Valorizar recursos naturais e culturais

Sendo a melhoria da qualidade de vida uma questão transversal e intrínseca ao desenvolvimento local, a ADRMAG adoptou como tema forte do seu Plano de Desenvolvimento Local LEADER+, a Valorização dos recursos locais (na versão da Comunidade Europeia: Valorização dos recursos naturais e culturais). Nas palavras de João Carlos Pinho, "ansiamos mesmo valorizar as coisas boas que temos, mas das três uma, ou não estão divulgadas, ou estão subaproveitadas, ou estão a perder-se". O tempo é escasso e as pessoas descrentes do amanhã e, assim, a saída do território parece uma opção mais lógica do que a permanência. Apesar da beleza e imponência das Serras do Montemuro, Arada e Gralheira, não constituem uma barreira física ao êxodo, nem são objecto de atracção para áreas como a Indústria, Comércio e Serviços. Daí a urgência e necessidade de preservar e valorizar os produtos da natureza e cultura local para "apelar mais à componente turística". O objectivo "primordial" da ADRMAG é claro e bruto: "captar o

dinheiro, mas não dos Fundos europeus. Se nós conseguirmos que venha dinheiro de fora para esta região, e fixar as pessoas. Se houver um factor económico, por mais pequeno que seja, que permita às pessoas terem um rendimento mensal fixo, mesmo não sendo tão elevado como na cidade, elas ficam por cá." Para ir ao encontro deste fim, o PDL LEADER+ da ADRMAG aponta para uma intervenção, "baseada em três objectivos estratégicos: Reforço do sistema produtivo, valorização e diversificação da actividade económica local. Conservação do meio ambiente e melhoria das condições de vida da população." De acordo com dados da ADRMAG, entre 1 de Outubro e 10 de Dezembro de 2004, o investimento total aprovado era de 3 372 161,71 euros (dos 4 506 598,69 euros programados no PDL), correspondente a 78 projectos, distribuídos como segue: 2 514 921,82 na Medida 1 (Investimentos); 221 118,73 na Medida 2 (Accções Imateriais) e 636 121,16 na Medida 4 (Despesas de funcionamento do GAL).

Textos de **Maria do Rosário Aranha**

Equipa Técnica do GAL



João Carlos Pinho
Coordenador

Aos 40 anos, este natural de Vale de Cambra é um homem satisfeito com a associação e equipa com que trabalha. "Sou a pessoa menos indispensável aqui dentro", afirma com convicção. Mas nem sempre foi assim. Há pouco mais de nove anos, João Carlos Pinho trabalhava numa equipa de investigação e preparação de candidaturas a Fundos europeus na Universidade de Aveiro. Primeira actividade, desde que se formara na mesma universidade, em Planeamento Regional e Urbano. Nesse ano, em 1995, é convidado pela Direcção da ADRMAG "para preparar o Plano de Acção Local do LEADER II, durante quatro meses". Nunca mais saiu. Os quatro meses "transformaram-se em nove anos", em que se tem mantido na coordenação da associação, com uma "equipa eficiente e uma gestão e coordenação extremamente descentralizada".



Mafalda Brandão
Técnica Superior

Natural de Angola, há 36 anos, aroquense de adopção, onde reside desde os seis anos, Mafalda Brandão faz a licenciatura em Antropologia, em Lisboa. Por aí fica a trabalhar em facturação e contabilidade até que, cansada por sete anos na capital, decide "bater com a porta". O desejado regresso a Arouca não é fácil. Trabalha como controladora numa fábrica, e faz um trabalho sobre as Alminhas do Concelho de Arouca para a Fundação da Juventude. Em 1996 entra na ADRMAG. Começa como técnica do LEADER, mas faz "um pouco de tudo": técnica do Centro Rural Portas da Freita, animadora da UNIVA, acompanha projectos AGRIS, sem nunca deixar o LEADER. O trabalho, vasto e variado, "tem contribuído para a realização pessoal", até porque "sempre gostei de trabalhos em que o contacto com as pessoas é privilegiado, e aqui na ADRMAG é o que se passa".



António Carlos Duarte
Técnico Superior

Após conclusão da Licenciatura em Economia, António Carlos Duarte inicia a actividade profissional como consultor e Técnico Oficial de Contas de Pequenas e Médias Empresas (PME), em 1999. No final de 2000, candidata-se ao lugar de Técnico de Economia na ADRMAG. Interessado pela área do desenvolvimento local, começa por realizar o estudo interno de avaliação do LEADER II, para, de seguida, colaborar na elaboração do PDL do LEADER+ e de outras candidaturas. Confessa que "Dá um gozo especial trabalhar ao nível local e ver as sementes a crescer", dado que "a metodologia do Programa de Intervenção Comunitária LEADER é uma das melhores iniciativas, concebidas até hoje, para o desenvolvimento sustentável dos territórios".



Carminda Gonçalves
Técnica

Com o 12º ano e um curso de Secretariado de Direcção, tirado no Porto, Carminda Gonçalves teve na ADRMAG a primeira experiência profissional. "Estavam a precisar de uma pessoa para a área administrativa e eu entrei". Começa a fazer trabalho administrativo, a que junta todo o trabalho na área financeira. Primeiro, "elaborava os quadros financeiros e quadros de relatórios, fazia o controlo bancário e controlo do caixa", mas no LEADER II começa a tratar dos pagamentos aos promotores e a elaborar relatórios. Hoje, com 32 anos, mantém estas responsabilidades, às quais soma outras, que incluem algum acompanhamento no terreno, uma actividade de que "estou a gostar".

Um fim-de-semana em Montemuro, Arada e Gralheira

De Arouca à Serra da Freita

Nos limites da área metropolitana do Porto e contíguo à grande mancha industrial da Feira, S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis, existe um território encantado constituído por vales encaixados e pelo ondulado das imponentes montanhas. Com uma imagem agrícola bem marcada, proporciona o deslumbramento da paisagem, a riqueza do património, o requinte dos sabores e as emoções da aventura.

Não se pense que é fácil lá chegar. Enquanto a moderna ligação à Feira não estiver concluída, há que percorrer as coleantes estradas secundárias - os paraísos não se oferecem, conquistam-se. Valha-nos que a sinalização não deixa dúvidas, e desde a auto-estrada que as placas indicando "Convento (ou Mosteiro) de Arouca" se perfilam em cada cruzamento. E é justo que assim seja. Porque tudo começou ali, naquele Convento imenso que marca a paisagem do vale e à volta do qual se foi construindo a vida de Arouca. Foi na primeira metade do século X que foi fundado o Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo, inicialmente misto e só mais de um século passado consagrado unicamente às monjas. No século XIII, Santa Mafalda, a filha de D. Sancho I, recolhe-se ao Convento e adota a Ordem de Cister. A ligação à corte não será alheia à riqueza e à importância que o Convento adquire. E que com altos e baixos prosseguirá até ao século XIX, data em que é criada a Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda. Hoje, visitar o Convento é obrigatório. A começar pela imponente Igreja, de marca barroca, passando por uma visita ao Museu de Arte Sacra, instalado nas dependências do Mosteiro e que permite uma visita ao magnífico cadeiral, às diversas dependências monásticas, bem como observar uma importante colecção de arte sacra. À sombra do Convento cresceu uma tradição de doçaria que hoje é uma das marcas de Arouca. E um fim-de-semana em Arouca, para ser completo, exige uma pesquisa detalhada de sabores. Os sabores do pão de S. Bernardo, das castanhas doces, das rosas e dos charutos de amêndoa, das barrigas de freira e dessa raridade que é o manjar de língua. Sabores de culto a acrescentar aos da carne arouquesa ou do cabrito serrano. Contar com refeições lautas e digestões demoradas é um bom conselho.

Depois, tem muitas hipóteses de ocupação. Um dos maiores atractivos da região é o rio Paiva, que corre por entre montanhas num contexto ambiental privilegiado. É palco permanente de actividades de animação turística e um dos santuários portugueses do turismo de aventura. Emoções garantidas num enquadramento de eleição.

Mas se optar pela tranquilidade, suba à Serra da Freita, essa serra que todos conhecem mas que não existe nas cartas, onde só figuram a Arada e a Gralheira. Vai subindo até mais de mil metros, espirando os olhos por horizontes cada vez mais dis-

tantes. E a Serra da Freita tem um fascínio especial no aveludado das suas encostas, a que as sombras enaltecem o relevo. De onde em onde vislumbra-se uma povoação, com os seus tectos de ardósia e os socacos verdes e murados aos pés. Vale a pena entrar por elas adentro para testemunharmos a marca do povoamento de montanha e as belíssimas construções que ainda subsistem. Se tivermos sorte, poderemos trocar um "guarde-o Deus..." com algum habitante, ou vislumbrar o rebanho de cabras no meio da urze.

Lá no cimo, no planalto, a vista espalha-se com prazer. Num dia claro chegaremos até ao mar e à Estrela. A Freita é serra para ser bordada a pé, quando muito de BTT, num contacto demorado e próximo da natureza. De onde em onde, uma mamoa ou uma anta ocuparão os mais curiosos. Não deixe de procurar a Frecha da Misarela, a mais alta queda de água da Península Ibérica, com os seus 75 metros de altura, onde se despenham as águas do Caima. Depois, dá uma saltada à povoação de Castanheira. Ai terá oportunidade de observar um fenómeno geológico com mais de 280 milhões de anos, raríssimo a nível mundial. Num maciço granítico, hoje isolado dos visitantes por uma rede, e à superfície, alinham-se numerosas pequenas saliências e covas. São essas saliências que, num fenómeno invulgar, saltam da própria rocha, tendo-lhes a população dado o nome de "pedras parideiras".

Depois, desça a serra ao fim da tarde, com os pulmões cheios de oxigénio e a alma reconfortada com a criação.

Não se aventure pela zona sem antes ter garantido e reservado a dormida. A oferta não é grande mas, entre o turismo rural e as residenciais nas sedes das vilas encontrará alojamento condigno. E prepare-se para ser conquistado. Agarre no calendário e programe os próximos fins-de-semana. Para ver com detalhe tudo aquilo que só conseguiu vislumbrar. Para se surpreender - para lá da paisagem, do património, da gastronomia, em breve uma raridade será acrescentada à das "pedras parideiras". Um núcleo museográfico permitirá, dentro de algum tempo, visitar uma das maiores colecções de "trilobites" do mundo e percorrer a pé um trilho que o transportará para a exploração milenária das jazidas minerais e para a descoberta dos conhecidos fósseis. Novos atractivos para renovadas emoções.

Francisco Botelho



Francisco Botelho



Dora Lindo

para dormir

- PS1** Casa de Cela
Cela - Arouca
Tel: 256 956 831
- PS2** Vila Guilomar
Alvarenga - Arouca
Tel: 256 951 246
- PS3** Hotel Rural Quinta de S. Pedro
Sobrado - Castelo de Paiva
Tel: 255 689 647
- PS4** Casa de Campo das Bizarras
Fareja - Castro Daire
Tel: 232 386 107
E-mail: mop38229@mail.telepac.pt
- PS5** Casa da Benta
Aldeia de Manhiouse - S. Pedro do Sul
Tel: 232 790 579
- PS6** Casa da Aldeia
Vila de Sever do Vouga
Tel: 234 551 166

para comer

- PS7** Casa no Campo
Aldeia do Espinho, Moldes - Arouca
Tel: 256 941900
- PS8** Pedrogão
Aldeia do Pedrogão - Arouca
Tel: 256 944 451
- PS9** Quinta D'Além da Ponte
Tropeço - Arouca
Tel: 256 947 730
- PS10** Restaurante da Associação Etnográfica do Mezio
Estrada Nacional 2, Mezio - Castro Daire
Tel: 254 689 247
- PS11** Adega Típica Pena
Aldeia da Pena - S. Pedro do Sul
Tel: 232 731 808
- PS12** Quinta do Barco
Pesseguero do Vouga - Sever do Vouga
Tel: 234 556 246
- PS13** Restaurante Mira Freita
Aldeia da Felgueira - Vale de Cambra
Tel: 256 402 788

para visitar

- PS14** Serras de Montemuro e da Freita
- PS15** Museu de Arte Sacra (Tel.: 256 943 321)
- PS16** Percurso geológico de Canelas
- PS17** Percurso arqueológico de Sever do Vouga
- PS18** Carreira dos moinhos
- PS19** Ilha do Castelo
- PS20** Moinhos comunitários (Aldeia da Gralheira)
- PS21** Cascata da Cabreira
- PS22** Barragem Eng.º Duarte Pacheco
- PS23** Parque N.º Sr.ª da Saúde
- PS24** Praias Fluviais

para levar

- PS25** Doces Conventuais (Pão de S. Bernardo, Castanhas doces, Roscas de Amêndoa, Charutos de Amêndoa, Morceias doces, Barrigas de freira, Manjar de língua)
- PS26** Doces regionais (Pedras Parideiras)
Manuel da Silva Bastos, Arouca (Tel: 256 944 851)
- PS27** Pão-de-ló de Serradelo Enchidos, Broa de milho, Beijinhos e Barquinhas de Sever, Vinho Verde
- PS28** Artesanato (Mantas, lençóis e toalhas de linho, tecidos e confecção em linho, lã e estopa, pintura em tecido, cestos de verga e palha e silva, chapéus de palha, abanadores, cestos, tanoaria, chinélos de couro artesanais, artesanato em ardósia, artesanato em fosforo: pucarinhos de barro, caçolias, bonecos, etc., tamancaria, miniaturas de Barcos Rabelos)

Basto, rios de emoções

Como traço de união de todo o território de Basto e elemento determinante na sua afirmação geográfica está o rio Tâmega no seu troço médio. E a confirmar isto, quase todos os rios e ribeiras que transformam Basto em terreno úbere, encaminham as suas águas para o Tâmega. Formando, nas suas envolventes, as veigas que garantem, há séculos, a produção agrícola que sustenta as suas gentes.

Não é por acaso que o homem de Basto manteve, sempre, a sua vida ligada ao rio. É dele que vem, ao longo de todo o ano, a água suficiente para a produção dos géneros que consome na sua alimentação. É nele que pratica a pesca, garante de suplemento alimentar mas também actividade de lazer e prática de destreza. É nele que encontra a força motriz essencial para fazer actuar os engenhos que moem a farinha ou amassam a azeitona.

Se durante séculos o homem se contentou com os terrenos circundantes aos rios e ribeiros para a manutenção da agricultura, tempo houve, como nos finais do século XVII, em que novo cereal trouxe a necessidade – e o interesse – em utilizar novas terras. Terras produtivas mas que dependiam somente da água das chuvas para a sua fertilização. E o novo cereal, o milho, era exigente de água em período em que o céu não a prodigaliza com abundância. Daí a necessidade de a ir buscar longe, aos rios e ribeiras de montanha, onde os caudais de água eram garantidos por todo o ano. Remontam a essa época as levadas, que em Basto, um pouco como por todo o país, são garante da irrigação de milhares de hectares de terreno. E é bom que se saiba que, em Basto, não é o Tâmega que garante a água de rega, antes os seus afluentes que descem das encostas do Alvão, da Cabreira, da Lameira ou do Marão.

Hoje em dia, a paisagem agrícola de Basto sofre uma profunda alteração. A mais acentuada em virtude do crescente abandono da actividade. Mas também pela sua lenta transformação. Os terrenos de milho, que em tempos haviam confinado a vinha para os seus extremos, não mais são cultivados. Uma parte significativa mantém ainda a sua marca cromática na transformação que tiveram para pastos. Outros, marcam originalmente a paisagem através de novas formas de condução da vinha, uma das produções com maior potencial na região. Os tempos são assim, de permanente mudança, e a paisagem não é mais do que a construção do homem em cada época. Quem passa por Basto, em pleno século XXI, não encontra paisagens imutáveis mas encontra ainda harmonia e escala. E água, a fonte da vida, em abundância, escorrendo das suas montanhas em filamentos cristalinos, engrossando até atingir o Tâmega.

Mini-hídricas e animação turística como mais-valias

Esta abundância de água e a circunstância de o território se construir entre as cotas dos 200 metros de altitude e os cerca de 1 000 dos cumes das suas montanhas e planaltos, é responsável por mais uma das riquezas conquistadas no século XX – a exploração da energia hidroeléctrica. São já significativas as mini-hídricas construídas em todo o território de Basto e muito do potencial existente se encontra ainda por explorar. Esperemos apenas que a ambição do homem não entre, neste caso, em conflito com a beleza dos trechos naturais dos rios e dos ecossistemas ribeirinhos.

Porque a beleza paisagística dos rios de Basto e a riqueza dos seus ecossistemas, são também eles, garante de uma crescente importância económica através da animação turística. Com programas articulados, os rios de Basto são hoje em dia um importante atractivo para aqueles que procuram, nos seus tempos de lazer, actividades de aventura. É cada vez mais vulgar ver descer o Tâmega ou o Ólo, em pequenos botes de borracha ou em canoas, pequenos grupos de pessoas que, para lá da aventura, se apaixonam pelas imagens quer seja das escarpas graníticas alcantiladas, quer seja dos pequenos bosques de ulmeiros das margens. E se surpreendem com os moinhos escondidos junto às margens, com os límpidos areais ou com pormenores tão insólitos como as antigas pontes penséis de arame que garantiam a passagem em ca-



FRANCISCO BOTELHO

minhos ancestrais. É a permanente descoberta de uma paisagem quase virgem, que nos faz reconciliar com a natureza.

Os rios de Basto continuam, assim, a marcar a actividade das suas gentes. Garantindo a produtividade dos seus solos agrícolas, que agora encontram um ajustamento às novas necessidades e imperativos económicos. Trazendo uma importante mais-valia através da exploração da energia hidroeléctrica nas modernas mini-hídricas em exploração. E garantindo a dinamização de uma nova actividade turística, potenciadora de esforços complementares como o alojamento turístico, a restauração, o artesanato e as actividades agro-industriais. Garantindo a valorização de um importante património construído rural, quer seja o dos simples moinhos quer seja o das belíssimas aldeias. Dinamizando a actividade de populações que se passam a rever no interesse dos novos visitantes. Renovando o interesse por valores culturais que se encontravam em decadência e que agora encontram renovados motivos de revitalização. Os novos fluxos de visitantes, atraídos pelo fulgor e pelas emoções dos rios de Basto, vêem de há tempos a esta parte, introduzindo na região uma nova dinâmica económica.

Os rios, em Basto, continuam a correr limpos e férteis. Como fonte de vida, que sempre foram. E agora, cada vez mais, como rios de emoções. Emoções que vale a pena descobrir e, sobretudo, viver.

Francisco Botelho

Os rios de emoções de Basto podem ser descobertos através das mãos seguras da

Basto Radical, Lda.
Vilar de Viando
Mondim de Basto
Tel. 255 382 637
www.basto-radical.pt

... que dá sequência ao trabalho da empresa de animação turística criada no âmbito do LEADER I, e já apoiada pelo LEADER+.

Sessão temática "Ordenamento do Território e Desenvolvimento Rural"

Das políticas à *praxis*

Organizada pela Rede Portuguesa LEADER+, no âmbito do programa de actividades de animação e qualificação, com a colaboração da Minha Terra - Federação Portuguesa de Associações de Desenvolvimento Local, a sessão de trabalho sobre "Ordenamento do Território e Desenvolvimento Rural" realizada no passado dia 16 de Dezembro, na Covilhã, além de informativa, revelou-se de grande importância ao nível da sensibilização. Palavras do presidente do IDRHa (Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica) e gestor do programa LEADER+, Carlos Mattamouros Resende, que expressou, em jeito de balanço, a vontade e o interesse em promover uma nova sessão, mais formativa, durante o segundo trimestre de 2005. Identificado pelos Grupos de Acção Local (GAL) do programa LEADER+ a nível nacional como uma das matérias essenciais na preparação da estratégia para o futuro, o tema em foco na Covilhã revela-se, contudo, uma questão complexa. A reflexão e o debate em torno da mesma, com o objectivo de contribuir para uma intervenção mais qualificada dos GAL, enquanto promotores da revitalização e desenvolvimento dos territórios rurais, ficou longe de se esgotar, mas trouxe significativos contributos para a sua compreensão e aprofundamento.

Porque as dificuldades começam muitas vezes ao nível conceptual, António Mendes Baptista, economista regional, tratou das políticas e instrumentos para o ordenamento do território e o desenvolvimento dos territórios rurais, partindo estrategicamente das questões conceptuais. Reafirmando o quão difícil é a questão do ordenamento e "um terreno pouco firme para nos movimentarmos", aquele economista - numa intervenção que terá sido de grande utilidade para a cerca de meia centena de técnicos dos GAL reunidos na Covilhã - clarificou, logo à partida, que em Portugal, ordenamento do território e desenvolvimento não são sinónimos. "A Lei de Bases do Ordenamento do Território tem uma concepção mais abrangente de 'coerência territorial das políticas', mas o ordenamento do território é apenas uma dimensão das políticas de desenvolvimento".

Defendendo que não existe um modelo de ordenamento do território, António Mendes Baptista é de opinião que, de forma implícita, a problemática dos espaços rurais sai muito reforçada na legislação actual sobre ordenamento do território, podendo algumas novas figuras ser muito úteis para a intervenção em espaço rural.

Para este especialista, "os principais desafios não estão nos instrumentos de ordenamento do território mas na necessidade de conceber e implementar programas integrados por referência a territórios concretos". Ou seja, o desenvolvimento rural precisa de instrumentos de ordenamento do território mas o importante são instrumentos de planeamento integrado de desenvolvimento. Importa, pois, "perceber porque falham as políticas para os espaços rurais e construir novos paradigmas para o desenvolvimento rural centrados na sustentabilidade e reprodutibilidade dos projectos".

Investigadora do Centro de Sistemas Urbanos e Regionais (CESUR) do Instituto Superior Técnico (IST), Clara Landeiro debruçou-se sobre os processos participativos no planeamento territorial. *Slogan* ou necessi-

dade foi o mote da comunicação onde, da Declaração do Rio e Agenda 21 à Estratégia Nacional para o Desenvolvimento Sustentável (ENDS), subressaltou a necessidade do envolvimento dos diferentes actores na construção e implementação conjunta de estratégias e planos de acção visando um ordenamento equilibrado do território e o desenvolvimento dos territórios rurais numa óptica de sustentabilidade. Centrando-se no tema da sessão, Clara Landeiro apresentou alguns resultados do estudo sobre desertificação em Portugal realizado pelo IST, em 2004, para a Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano sublinhando que o ordenamento do território, a par da formação profissional, emprego, política agrícola e acessibilidades, é uma questão relevante para a desertificação.

Sobre a participação dos cidadãos nos processos de decisão, António Montalvão Machado, coordenador da ADRAT - Associação de Desenvolvimento da Região do Alto Tâmega, debateu o papel dos agentes de desenvolvimento rural no ordenamento do território. Defendendo que os agentes de desenvolvimento, através das ferramentas que dispõem, podem atenuar a fragilidade da situação, António Montalvão Machado reivindicou uma política territorial assente no aproveitamento dos recursos locais, na sustentabilidade ecológica e cultural, nas novas centralidades e mobilidades. Referindo-se a um "novo" desenvolvimento, baseado na valorização do "local" e dos recursos, na solidariedade territorial, no combate aos desequilíbrios e na construção de um território "vivo", o coordenador da ADRAT é de opinião que o ordenamento de um determinado território deve ser a base para a revitalização do mundo rural.

Rede Natura 2000 e Agenda Local 21

Durante a tarde, os trabalhos centraram-se nos instrumentos de ordenamento do território - Plano Sectorial para a Rede Natura 2000 e Agenda Local 21 de Arraiolos - e na intervenção em áreas protegidas.

Arquitecto Paisagista, responsável pela Divisão de Apoio à Gestão de Áreas Protegidas do Instituto de Conservação da Natureza (ICN), Henrique Pereira dos Santos fez uma breve apresentação dos trabalhos em desenvolvimento no quadro da elaboração do Plano Sectorial para a Rede Natura 2000, brevemente acessível *on line*.

Como exemplo de um processo de desenvolvimento participativo, em construção, Ana Silva, técnica da Câmara Municipal de Arraiolos, e Marta Alter, directora do Monte (entidade gestora do programa LEADER+ no Alentejo Central), levaram a Covilhã a Agenda Local 21 de Arraiolos. A apresentação do processo de construção deste instrumento, que se baseou na participação da população e dos agentes económicos, e a perspectiva de uma Associação de Desenvolvimento Local (ADL) na elaboração do Plano de Acção desta Agenda 21, foram os pontos essenciais abordados. Assumida como um contrato social, económico e ambiental para o desenvolvimento sustentável do concelho, a Agenda Local 21 de Arraiolos "representa a construção de um compromisso para o desenvolvimento sustentável, que reforça os benefícios do envolvimento e da participação de todos na construção do futuro."

As áreas protegidas (parques nacionais, reservas naturais e parques naturais) dispõem obrigatoriamente de um plano de ordenamento, através do qual se define a política de salvaguarda e conservação que se pretende instituir, designadamente sobre os usos do solo.

Criado em 1979, o Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (PNSAC) é o terceiro maior do país, com 40 000 hectares e uma grande diversidade de fauna e flora. Contudo, existem pressões: 32 mil habitantes e mais de 400 pedreiras (entre outras). O Plano de Ordenamento do PNSAC, aprovado em 1988, tem em conta várias componentes: recuperação da paisagem, estação colectiva de tratamento de afluentes das suiniculturas, gestão da actividade cinegética, carta de desporto da natureza,



Foto: Paulo Sérgio

fogos florestais, energias renováveis, património cultural, património rural, entre outras. Acerca destas e da metodologia seguida no PNSAC falou a sua presidente, Maria João Botelho.

Coordenador de uma ADL - Vicentina, cujo território de intervenção é 80 por cento Reserva Ecológica Nacional (REN), Pedro Dornellas, apresentando uma síntese do diagnóstico e da estratégia de intervenção para o Sudoeste, deu especial atenção aos planos de ordenamento e à sua importância. Na sua opinião existem duas questões fundamentais: "o desenvolvimento sustentável em territórios da REN tem de ser merecedor de discriminação positiva nas transferências de fundos para as autarquias sob risco de se fazer destas um adversário das medidas de protecção"; e "as estratégias de desenvolvimento promovidas pelas ADL têm de ter o reconhecimento de facto e não meramente formal, dos parceiros locais, devem ser coerentes com os planos de ordenamento ou, em caso negativo, deve ser claramente sustentada a divergência". Em resumo, para Pedro Dornellas, os Planos de Ordenamento devem ser documentos científicos orientadores das estratégias locais de desenvolvimento e os sistemas de incentivos devem fazer uma discriminação positiva dos projectos que se enquadrem nos Planos de Ordenamento. Do debate e da reflexão proporcionados na Covilhã, ficou a ideia de que esta é uma questão que requer uma atenção especial da parte de todos os intervenientes com responsabilidades ao nível do ordenamento do território. Saliendo também a importância do tema e as razões



Paula Matos dos Santos

que levaram à organização da sessão, Regina Lopes, da Federação Minha Terra, afirmou que há "muita aprendizagem para fazer". "Não é um caminho fácil mas estamos dispostos a fazê-lo". Para Regina Lopes "é preciso incorporar na forma de fazer desenvolvimento, novas formas de estar e fazer".

Partilhando uma pequena nota de preocupação, evidenciada sobretudo na perspectiva de alguns agentes de desenvolvimento local que ressaltaram as dificuldades (ou mesmo incapacidade) em proceder à gestão territorial da multiplicidade dos instrumentos de planeamento e ordenamento disponíveis, Carlos Mattamuross Resende, acredita que o diálogo é obrigatório para a continuidade do trabalho "LEADER" na nova política de desenvolvimento rural.

Paula Matos dos Santos

Ordenamento do território e Desenvolvimento Rural

União de facto ou casamento de conveniência?

No questionário realizado aos Grupos de Acção Local (GAL) pela Rede Portuguesa LEADER+, em Maio deste ano, para identificar os temas prioritários a trabalhar no âmbito das actividades da rede, o "ordenamento do território" surge como um dos temas principais.

Durante a preparação da sessão que se realizou na Covilhã, no passado dia 16 de Dezembro, a Rede LEADER+ e a Federação Minha Terra assumiram que esta seria uma primeira abordagem deste complexo e vasto tema e procuraram construir um programa que focasse tanto alguns aspectos de base, como a caracterização dos instrumentos de ordenamento do território (OT) existentes, como aspectos relevantes pela sua actualidade, como a definição do Plano Sectorial para a Rede Natura 2000 e o seu cruzamento com a política de desenvolvimento rural.

De facto, há uma manifesta necessidade de qualificação dos agentes de desenvolvimento local no que respeita aos instrumentos de carácter regulamentar e estratégico de ordenamento do território e ambiente, na medida em que, no seu trabalho diário de selecção e acompanhamento de projectos e principalmente na implementação das estratégias definidas nos Planos de Desenvolvimento Local (PDL), se encontram muitas vezes confrontados com estes instrumentos. Pode afirmar-se que a informação dos GAL sobre os instrumentos de OT assume uma importância operativa, nomeadamente no desenho de estratégias de desenvolvimento local (PDL) que respeitem e potenciem as opções políticas subjacentes a estes planos, mas tem também uma dimensão prospectiva, preparando as parcerias locais para uma intervenção activa nos processos de planeamento participativo, de que as Agendas 21 Locais são exemplo e que consideramos serem fulcrais na próxima geração de instrumentos de ordenamento e desenvolvimento.

Por outro lado, reconhece-se uma tendência internacional, com motivações diversas, para associar as políticas agrícolas, de desenvolvimento rural, de ordenamento do território e de gestão/conservação dos recursos naturais. Esta orientação começa a transparecer nas políticas comuni-

tárias, políticas públicas e inclusive na organização da administração de alguns Estados-membros.

Além, o "apoio ao ordenamento do território", a par da "melhoria da qualidade de vida nas zonas rurais e da diversificação das actividades económicas" e do "aumento da competitividade do sector agrícola" é um dos três objectivos principais da política de investigação e desenvolvimento no âmbito da Política Agrícola Comum (PAC), que se consubstancia na Proposta de Regulamento do Conselho relativa ao apoio ao desenvolvimento rural pelo Fundo Europeu Agrícola para o Desenvolvimento Rural (FEADER).

Por exemplo: apesar de uma importante parte do espaço europeu estar classificado como Rede Natura (cerca de 20 por cento do território português) não existe nenhum mecanismo financeiro específico que apoie a sua gestão. O financiamento, ou pelo menos parte dele, da operacionalização / implementação do Plano Sectorial da Rede Natura 2000 deverá fazer-se no âmbito do FEADER, o novo fundo europeu para o desenvolvimento rural, onde também se integra o financiamento das actividades que deverão dar corpo à continuidade do LEADER.

Em nosso entender, não se trata de actividades ou abordagens alternativas a competir pelo mesmo envelope financeiro, mas sim de actividades complementares, que têm a ganhar através de uma implementação descentralizada, integrada e em parceria, no quadro da "abordagem LEADER" defendida pela Comissão.

Temos consciência que, não obstante a qualidade das comunicações, cada uma das intervenções nesta sessão apenas iniciou o esclarecimento da generalidade dos GAL e alertou para aspectos particulares da problemática do ordenamento do território. Uma breve análise da avaliação que os participantes fazem da sessão, aponta para a necessidade de aprofundar as diferentes vertentes do tema relevando por um lado o interesse numa abordagem mais prática e, por outro lado, em estreita articulação com os responsáveis políticos.

Federação Minha Terra

3ª EXPOBRASIL

Cooperação com o Brasil - novos passos qualitativos

Entre 24 e 30 de Novembro, uma delegação de ADL portuguesas deslocou-se ao Brasil para participar na EXPOBRASIL de Desenvolvimento Local e retomar laços de cooperação com instituições brasileiras. A Rede Portuguesa LEADER+ organizou a visita que, para além da participação no evento, que teve lugar em Olinda, proporcionou contactos no terreno com o Consórcio de Jiquiriçá e com o PANGEA, em Salvador.

A 3ª EXPOBRASIL Desenvolvimento Local decorreu em Olinda, no Centro de Convenções de Pernambuco. Como referiu Caio Silveira, responsável pelo evento, na cerimónia de encerramento "esta EXPOBRASIL foi a Expo da consolidação". Uma afirmação assente nos números, no entusiasmo e no empenho dos participantes e na eficácia da organização.

Pela EXPOBRASIL passaram quase três mil participantes. Vindos de todos os pontos do Brasil, alguns com três dias de viagem de autocarro. Três mil pessoas unidas pelo envolvimento em acções de Desenvolvimento Local (DL), unidos pelo DLIS que muitos ostentam como bandeira nas *t-shirts* e que significa tão só "desenvolvimento local integrado e sustentável". Mais de 300 palestrantes animaram as inúmeras mesas que se foram sucedendo nos seis auditórios e seis salas complementares ao longo de quatro dias. Palestras, conferências, painéis de experiências, amostragens de projectos, oficinas e até acções de formação, preenchem o dia a dia dos congressistas, que aproveitam os intervalos e os momentos de descontração para os inúmeros contactos proporcionados. Um acontecimento e uma festa. A participação internacional tem crescido todos os anos. Este ano, gente vinda do Canadá, de Espanha, de França, da Alemanha, dos restantes países da América Latina e de Portugal tiveram oportunidade de partilhar com os brasileiros reflexões e experiências de intervenção.

A delegação portuguesa integrava técnicos e directores de 14 Associações de Desenvolvimento Local (ADL), além de técnicos do IDRHa (Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica). A convite da organização da EXPOBRASIL, a participação portuguesa enquadrou-se em quatro momentos. O chefe de Projecto LEADER+, Rui Batista, correspondeu ao convite proferindo no dia 25, para um auditório com mais de 300 pessoas, uma intervenção sobre "A evolução da política de desenvolvimento rural na Europa - o Programa LEADER e as novas perspectivas após 2006", enquanto Francisco Botelho falou sobre as "Virtudes e limitações do modelo LEADER - participação cidadã". As duas comunicações integraram uma sessão que contou igualmente com a apresentação da Universidade Mundial Nómada, a cargo da APREIS (Acteurs, Pratiques, Recherches Européennes et Internationales pour le développement Durable). No dia 26, Ana Souto, técnica da Dueceira - Associação de Desenvolvimento do Ceira e Dueça, apresentou ao auditório da Sala Ribeira o projecto "Cooperar em Português" que procura enquadrar e articular informação e reflexão sobre as intervenções de desenvolvimento local em Portugal, no Brasil e nos restantes países de língua oficial portuguesa. Um projecto que tem como parceiros brasileiros a REDEDLIS (Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável), organizadora do evento e a RITS (Rede de Informação para o Terceiro Sector) e que em 2005 deverá dar passos significativos na consolidação das relações entre os movimentos de DL dos dois países.

Finalmente, no dia 27, as ADL presentes em Olinda tiveram a

oportunidade de apresentar a um público entusiasmado, a sua intervenção em Portugal. Uma apresentação de projectos e de interesses de cooperação que originaram uma viva troca de impressões e que apontaram muitas possibilidades de trabalho conjunto. Para lá das intervenções dos portugueses, a organização disponibilizou na área de exposições um *stand* de 9 m² para a delegação portuguesa. Ali foram colocados os materiais de divulgação da Rede Portuguesa LEADER+ e o *stand* transformou-se no local privilegiado de contactos e de troca de impressões informais para as centenas de interessados nas experiências portuguesas. Das muitas conclusões deste encontro, há que ressaltar o acolhimento, por parte da organização, da sugestão apresentada pelos portugueses numa das sessões, a de envolver na organização da próxima EXPOBRASIL a realização do 1º Fórum do Desenvolvimento Local em Língua Portuguesa. Uma proposta que interessou de imediato financiadores - o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas Empresas) - mas que poderá e deverá envolver outras instituições internacionais. Uma tarefa que a cooperação deverá agora formalizar e levar a cabo para que em 2005, provavelmente em Fortaleza, actores do DL dos países de língua oficial portuguesa possam reunir-se para trocar impressões e experiências.

Visitas a projectos no Brasil

Na sequência de contactos anteriores e com vista à concretização de projectos de cooperação, foram efectuadas visitas a dois projectos de desenvolvimento local em Salvador. Ao Consórcio de Jiquiriçá, uma associação sem fins lucrativos que integra 25 municípios da bacia do rio Jiquiriçá, na Baía, foi feita uma visita prolongada que permitiu não só o conhecimento de um território do interior do Brasil mas igualmente o contacto com muitos dos actores que estão envolvidos nos seus projectos.



Francisco Botelho

Apresentação do "Pessoas e Lugares" em Ponta Delgada

Museus em destaque

No Museu Vivo, em Capelas, Ponta Delgada, decorreu mais uma sessão de apresentação do "Pessoas e Lugares". Foi a 20 de Dezembro, ocasião para a distribuição deste número do jornal, dedicado ao território da ARDE e com "Museus" como tema "Em destaque".

Uma reunião na cidade de Valença revelou o interesse daquele município em estabelecer uma gemação com a vila de Valença, em Portugal e com a cidade de Valência, em Espanha. Um interesse que certamente será veiculado pela ADL portuguesa que integra Valença (Adriminho - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho) e que potencia uma relação futura baseada nas afinidades - a marca do rio, a actividade comercial intensa, o turismo aventura.

No município de Jiquiriçá, uma reunião com um dos Prefeitos locais e antigo presidente do Consórcio, deu aos presentes uma perspectiva do trabalho desenvolvido pela instituição, bem como dos esforços de articulação e de parceria estabelecidos ao longo do tempo. As questões da participação cidadã, o exemplo dos Fóruns de DLIS estabelecidos em cada município, da sua intervenção e representatividade, foram temas desenvolvidos.

Dos contactos estabelecidos, além da possibilidade de gemação entre os municípios de Valença, outras linhas de trabalho foram apresentadas que agora competirá aos interlocutores, de ambos os lados do Atlântico, concretizar.

O PANGEA é uma Organização Não Governamental (ONG) sediada em Salvador, preocupada com a preservação ambiental mas, sobretudo, com a intervenção no desenvolvimento sustentável das regiões do interior da Baía. Com um projecto actualmente candidatado à União Europeia em parceria com uma ONG portuguesa (INDE - Interooperação e Desenvolvimento), o PANGEA procura parceiros para o enquadramento de novas iniciativas, designadamente na Chapada Diamantina. O seu director, Sérgio Santana, apresentou à Delegação portuguesa o trabalho da instituição e estabeleceu com todos um diálogo vivo e motivador, referindo o interesse em ver aumentado o fluxo de cooperação com as instituições portuguesas. De referir que, quer o Consórcio de Jiquiriçá, quer o PANGEA, poderão vir a integrar no futuro a plataforma de cooperação em que se está a transformar o projecto "Cooperar em Português" que, nesta visita, consolidou contactos e definiu um ambicioso plano de trabalho para o ano de 2005.



A edição de Novembro (número 24) do jornal "Pessoas e Lugares" é dedicado aos concelhos de Ponta Delgada e Vila do Porto (ilha de São Miguel - Açores), território de intervenção da ARDE - Associação Regional para o Desenvolvimento. Aproveitando o tema "Em destaque", a associação organizou uma sessão pública de apresentação do jornal, que reflectiu "o programa LEADER+, a Museologia e o Património Histórico".

O local escolhido para a mesma foi o Museu Vivo: uma oficina-museu situada na freguesia de Capelas, onde Manuel João Melo e a sua mulher foram construindo a memória de antigos ofícios e tradições. Lugar ideal para uma reflexão sobre a importância dos museus e do património histórico na promoção do desenvolvimento local.

Juntando autarcas, promotores e representantes da parceria LEADER+ local, a sessão foi iniciada pelo presidente da ARDE, António Almeida, que propôs aos assistentes uma visita detalhada ao espaço, alvo de apoio do LEADER II e LEADER+. O promotor, Manuel João Melo, foi revelando aos visitantes os diversos espaços, passando da tipografia à barbearia, da taberna à farmácia, da retrosaria à mercearia, da papelaria ao relojoeiro. Espaços reconstituídos que nos remetem para um passado recente e que nos permitem reconhecer a evolução das profissões e das técnicas.

De regresso à sessão, foi ocasião de ouvir as intervenções programadas. A primeira, a cargo da responsável da Rede Portuguesa LEADER+, Maria do Rosário Serafim, deu nota dos objectivos da Rede e do papel que o jornal "Pessoas e Lugares" tem desempenhado na sua dinamização. Apresentado o número 24 do jornal, a intervenção de fundo coube a José de Mello, historiador e assessor cultural da Câmara de Ponta Delgada, que abordou a noção de património principalmente na sua componente popular, a sua musealização e o papel que desempenha no desenvolvimento local. A rentabilização da tradição e dos mitos na promoção dos espaços e na dinamização das actividades turísticas e económicas das regiões foi uma das notas apontadas, bem como a necessidade de um projecto colectivo de divulgação do património para a sua eficácia como produto turístico.

Esta intervenção, aliada à visita do Museu Vivo permitiu um interessante debate em que foram evocados alguns aspectos, como a necessidade de trabalho em rede, a criação de roteiros que incluam as actividades dispersas, a importância dos moinhos como elemento valorizador da paisagem, a lenda das Sete Cidades e a misteriosa e pouco divulgada lenda dos Capetos. Um conjunto de ideias em que ressalta a necessidade de criação de roteiros integrados e estimulantes que possam estar acessíveis aos operadores turísticos da região.

A sessão foi encerrada pelo chefe de Projecto LEADER+, Rui Batista, numa comunicação que evidenciou a importância da Cultura na intervenção global do Programa, dando nota do papel da auto-estima na capacidade de promoção do desenvolvimento das pessoas. Um incentivo à Cultura do optimismo, uma deixa para falar sobre o futuro do programa LEADER e uma chamada de atenção para o papel inovador da gestão do dinheiro público pela sociedade civil no programa LEADER; um modelo que deve ser estimulado e que tem como contraponto uma exigência muito firme de rigor e eficácia.

Um estimulante conjunto de ideias e de reflexões, que poderão vir a ter sequência no "Encontro sobre Desenvolvimento Local" que a ARDE pretende vir a realizar em 2005.

Francisco Botelho

Serões de Aldeia



Teve início no passado dia 27 de Novembro em Mortágua, o projecto de cooperação "Ciclo de Serões de Aldeia". A iniciativa, realizada no âmbito do programa LEADER+, irá envolver um conjunto diversificado de associações e localidades das zonas de intervenção das Associações de Desenvolvimento Local (ADL) ADICES, DOLMEN e ATAHCA,

e prevê a realização de um ciclo de debates descentralizados em torno do Associativismo, constituindo-se como um fórum de reflexão sobre a renovação das dinâmicas associativas e a acção deste movimento no desenvolvimento local.

A importância do movimento associativo e o seu inquestionável papel no exercício da cidadania e no desenvolvimento de dinâmicas culturais, sociais e desportivas, estiveram na origem deste projecto, cujos principais objectivos passam por dinamizar a vida cultural das associações, trocar experiências, estimular a participação dos jovens no associativismo, proporcionar o convívio entre as diferentes colectividades, formar dirigentes associativos em moldes de formação "não convencionais".

No território de intervenção da ADICES, o projecto irá centrar-se na realização de cinco "serões" no concelho de Mortágua, prevendo-se ainda a realização de duas viagens para "troca de experiências e de boas práticas" aos territórios das ADL parceiras.

Em termos metodológicos, o projecto prevê - ao longo dos cinco "se-

rões" - um percurso evolutivo na discussão e reflexão dos temas definidos, partindo-se da construção dos pontos fortes e fracos da realidade associativa até à fase (último "serão") em que se definirão objectivos e acções concretas de intervenção. A participação e o envolvimento das associações e dos mais jovens nesta iniciativa constituem-se como pedras basais do projecto, pelo que foi solicitada a colaboração do Grupo Aprender em Festa; associação que aplica e desenvolve, de forma bastante inovadora, actividades de dinâmica de grupo que permitem uma participação activa e de qualidade de todos os elementos envolvidos.

O primeiro "serão" teve lugar na sede de uma das associações envolvidas na iniciativa (Associação Cultural de Monte Lobos) e contou com a presença de mais de trinta associações, representadas por dois elementos decada Direcção, revelando-se um momento particularmente importante. Por um lado, permitiu que as associações presentes trocassem (pela primeira vez) informação sobre as suas estruturas, desencadeando um conhecimento mútuo que não existia anteriormente; por outro, abordou (também pela primeira vez) a componente de pontos fracos e fortes que caracterizam o movimento associativo.

Neste contexto, importa salientar alguns aspectos em termos de análise: "estranhamente", quando se pensava que o problema que iria destacar-se era o financeiro, o trabalho de grupo revelou outras questões cruciais, tais como: a necessidade de construir e articular os "planos de actividade" das associações com as expectativas das populações; a necessidade de envolver a população jovem nas estruturas e nas actividades das associações; e a necessidade de melhorar e qualificar a intervenção, apostando no intercâmbio e no recurso a meios técnicos adequados à tipologia de projectos desenvolvidos por cada associação.

ADICES

Formação para combater a precariedade no emprego

A estratégia e o plano de desenvolvimento da ADICES - Associação de Desenvolvimento Local para a região (concelhos de Carregal do Sal, Mortágua, Santa Comba Dão e Tondela) nos próximos anos passa, sobretudo, pelo aumento das competências e qualificações dos jovens acima dos 18 anos que abandonaram precocemente a escola e das mulheres.

São estes dois públicos, que apresentam maior precariedade no emprego e se encontram em situação de maior vulnerabilidade face ao mercado de trabalho, engrossando as listas de desemprego do território de intervenção da ADICES (que corresponde ao Centro de Emprego de Tondela), que a associação pretende continuar a acompanhar, contribuindo para a sua capacitação e melhoria da sua condição.

Nesta medida, o planeamento e a execução de acções de formação interliga-se e entrecruza-se directamente com estes objectivos, podendo vir a constituir-se como um mecanismo de *empowerment*, de capacitação de pessoas, de igualdade de oportunidades, de alavanca para o exercício da cidadania activa e da democraticidade.

Surge assim a elaboração da candidatura à Medida 2.8 - Desenvolvimento dos recursos humanos e promoção da coesão social/Programa Operacional Regional do Centro para a realização de quatro cursos: Cozinha Regional, Brigadas Ambientais, Agentes de Animação Local e Restauro e Recuperação do Património Rural.

Dividindo-se em três partes - contexto de sala (componente sociocultural comum a todos os cursos), formação específica na área do curso e formação em contexto de trabalho (onde os formandos vão aplicar os conhecimentos adquiridos e sala), estas acções de formação, financiadas pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDR), no âmbito do Programa Operacional Regional do Centro, aparecem integradas no Centro Rural Aqueira Caramulo, à excepção de Restauro e Recuperação do Património Rural, integrada no Contrato de Aldeia de Cabanas de Viriato.

Curso	Cozinha Regional	Brigadas Ambientais	Agentes de Animação Local	Restauro e Recuperação do Património Rural
Duração	1 200 horas (Dezembro 2004 a Agosto 2005)	1 200 horas (Dezembro 2004 a Agosto 2005)	1 200 horas (Janeiro a Agosto 2005)	1 200 horas (Janeiro a Agosto 2005)
Local	Portela (Clube Recreativo) - Couto do Mosteiro - S.C.D.	Sobral (Junta de Freguesia) - Mortágua	São João do Monte - Caramulo, Tondela	Cabanas de Viriato
Objectivo geral	Consolidar a empregabilidade no território, qualificando a população activa desempregada, na área da restauração e cozinha regional.	Dotar os participantes de conhecimentos que possam contribuir para a preservação do ambiente, nomeadamente a sensibilização e educação ambiental.	Consolidar a empregabilidade no território, qualificando a população activa desempregada, na área da animação local do território.	Consolidar a empregabilidade no território, qualificando a população activa desempregada, numa área tão específica como a recuperação do património rural.
Objectivos específicos	Suprir carências ao nível de mão-de-obra qualificada nas áreas de cozinha (cozinha regional), dirigidas para pequenas e médias empresas de restauração e similares, respondendo às necessidades do sector: criar propostas formativas inovadoras e atractivas para a população activa desempregada feminina, nomeadamente através da recuperação e investigação de receitas tradicionais.	Promover a consciencialização e difusão de conhecimentos e valores sobre as questões ambientais, com a finalidade de obter soluções ecologicamente adequadas à realidade local do território, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do mesmo.	Dar a conhecer, aos participantes, as técnicas de acolhimento, recepção, acompanhamento, animação, informação e encaminhamento de grupos de turistas na região; proporcionar ao activo desempregado uma qualificação profissional adequada ao exercício de uma actividade em áreas ligadas à animação local do território; orientação e consciencialização sobre a importância da animação local no processo de desenvolvimento turístico local.	Suprir carências ao nível de mão-de-obra nesta área específica e, pela tipologia de projectos inseridos na AIBT - Contrato de Aldeia em Cabanas de Viriato, nomeadamente na renovação de espaços públicos, recuperação do património rural de carácter colectivo (fontanários, moinhos de água, fornos comunitários) e de edifícios de traça tradicional.
N.º de formandos	12	12	12	12

ADICES



Bestança - Um vale um rio
Ventura, Jorge; Associação Para a Defesa do Vale do Bestança, 1999

Com o apoio do LEADER II/ADRMAG

Recolha etnográfica, que revela a atitude de um povo que tem no rio Bestança uma referência que lhe moldou o "carácter, o sentir e o agir". Ao longo de oito capítulos, o autor apresenta uma recolha que engloba: A arte de talhar e orar; Crenças e adagiário; Festas populares; Procissões, ladainhas, crenças e outras Cerimónias Sacras; Artes, ofícios e actividades; Lendas e superstições; Artes de pesca no rio Bestança; e Diversões carnavalescas e travessuras no Vale do Bestança. Um livro que resulta do contacto com as gentes que residem no Vale, que vivem com poucos meios, mas com muito saber. Porque, "difícil não é viver, é saber viver". Uma arte que se expressa na cultura genuína e autêntica do Vale, e no seu *modus vivendi*.



Rio Paiva
Oliveira, Américo, Gomes, Carlos Aguiar, Silva, Filomeno, Paiva, Jorge, e Silveira, Paulo; Fotos: Silva, Filomeno, e Marco; Águas do Douro e Paiva, SA, Associação da Defesa do Património Arouquense, Campo das Letras - Editores, SA, 1999

Iniciativa da Associação da Defesa do Património Arouquense, que juntou cinco autores e dois fotógrafos num retrato e homenagem a este rio totalmente português, que é um "dos menos poluídos da Europa".

Ao longo de seis capítulos aborda-se a Geologia, relevo e clima, a Flora e vegetação da bacia do Rio Paiva, a Fauna, a História e arqueologia, Aspectos da nascente, e a pesca. Um retrato que se demora na etnografia, com referência a espaços, pastorícia, habitações, fornos, espigueiros, moinhos, pisões, lagares, levadas, poldras e pontes. Sem faltar o artesanato, festividades, medicina tradicional, ritos, superstições, festas aos Santos Populares, jogos tradicionais, provérbios, e gastronomia. Por fim, mas indispensável, o trabalho dos fotógrafos Filomeno Silva e Marco, num conjunto de imagens do rio e da paisagem que o cerca.



Rota do Alto Mondego
Coordenação: Silva, Fernando; Região de Turismo da Serra da Estrela, 2003

Com o apoio do LEADER II/ADRUSE

"Ao sabor da corrente", uma publicação que lança o convite a visitar os "pontos da Rota do Alto Mondego", e assim conhecer os sete concelhos que integram a Região de Turismo da Serra da Estrela (RTSE): Gouveia, Manteigas, Guarda, Celorico da Beira, Fornos de Algodres, Seia e Oliveira do Hospital.

Treze sítios e percursos, ligados entre si pelo Mondego, que permitem conhecer aldeias históricas, descobrir como se fabrica o queijo, provar o vinho do Dão, observar vestígios arqueológicos, admirar monumentos e moinhos, ou apreciar o artesanato e saborear a gastronomia.



Floridas na Pedra - A Hidrografia do Vascão e a Serra do Caldeirão ou Mu Costa, Francisco Dias; Associação In Loco, 1996

Com o apoio do LEADER II/IN LOCO

Publicação que pretende ser uma tentativa de interpretação geográfica da bacia do Vascão e do trecho da Serra do Caldeirão, chamada de Mu. Partindo do estudo da hidrografia do curso de água e dos engenhos fabris que lhe povoavam as margens, o estudo acabou por avançar para o campo da Antropologia cultural.

Assim, a estrutura do texto divide-se em cinco capítulos: A serra e a hidrografia do Vascão, Moinhos e moleiros, A população e os núcleos populacionais, Identidade cultural nas terras do Vascão, e Actividades económicas na bacia do Vascão. A começar na linha perimétrica da bacia, rio, caudais, pontes e vaus, é feito um retrato de moinhos de vento e de água, da população e núcleos actuais e desaparecidos, traçando a imagem do comércio, indústria, agricultura, silvicultura, pecuária e outras actividades.



Vale do Lima - um rio dois países
Coordenação: Oliveira, Eduardo Pires; ADRL - Associação do Desenvolvimento Rural Integrado do Lima, 2001

Com o apoio do LEADER II/ADRL

Vale do Lima. Um rio partilhado por dois países. Povos que, em torno deste curso de água, "partilham afinidades, costumes e vizinhança". Território dividido e "talhado por conveniências políticas", mas que "ainda hoje fala a mesma língua e comunga os mesmos sentimentos". Numa tentativa de "conjugação esforços para reunir as partes", a ADRL - Associação do Desenvolvimento Rural Integrado do Lima e a ADIM - Asociación para o Desenvolvimento Integral do Val do Limia, juntaram-se para a elaboração de um guia geral, alargado a todo o Vale do Lima, da nascente à foz, cobrindo várias áreas do saber e conhecimento, este "Vale do Lima - um rio dois países", dividido em duas edições: Portugal e Galícia. Um olhar sobre os concelhos do vale, com roteiros, história, tradições, monumentos, figuras ilustres, festas, feiras e romarias, alojamento e restauração.

www.amria.pt



Site da Associação de Municípios da Ria de Aveiro, onde é possível conhecer a associação, estatutos, Conselho de Administração, Assembleia Intermunicipal, estratégia, actas e contactos.

O site também dá a conhecer informação acerca da Ria, com inclusão de notas sobre história, cartas históricas, canais e ilhas, salinas, sapais e caniçais, fauna e flora, moliceiros, e actividades. Dois itens sobre Projectos e Diversos, permitem conhecer vários dos projectos desenvolvidos nos concelhos da Associação de Municípios, bem como publicações, eventos, dados estatísticos, mapas, colaboradores, e links.

A finalizar, um item denominado Sector Didáctico, no qual é possível aceder a jogos didácticos e sensibilização ambiental, além de se poder visualizar um conjunto de desenhos de crianças de escolas do primeiro ciclo do ensino básico.

www.rivernet.org



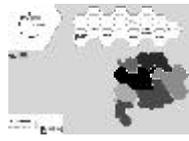
Site da European Rivers Network (ERN), que permite aceder a informação sobre rios, projectos e campanhas. Começa por disponibilizar uma listagem, com actualização noticiosa, que permite consulta regional, nomeadamente de informação sobre Rios Ibéricos (Douro, Guadiana e Tejo).

A par do serviço noticioso, é disponibilizada informação sobre campanhas e projectos europeus (tem referência ao projecto da barragem de Alqueva), rios e projectos fora da Europa.

O RiverLink, garante a ligação a páginas de organizações que trabalham temáticas associadas a rios e à água, numa perspectiva de desenvolvimento e protecção do ambiente, enquanto o RiverFax, permite o acesso a uma das publicações da ERN.

Conhecer a ERN e os seus objectivos, ou descobrir o que é um rio, através de uma pequena história dos rios e geomorfologia, além de notas sobre as políticas da água e da gestão durável dos rios, ou mesmo aceder a projectos educativos são outras possibilidades.

www.e-arte.org



O e-arte é um portal de promoção e comercialização do artesanato, promovido pela ADRMAG - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras de Montemuro, Arada e Gralheira, para a sua zona de intervenção.

Disponibiliza informação acerca de produtos (têxteis, madeira, pedra e cantaria, cerâmica, metais, fibras e produtos vegetais, couros e produtos regionais), região, e artesãos, com listagens divididas por associações, grupos e individuais.

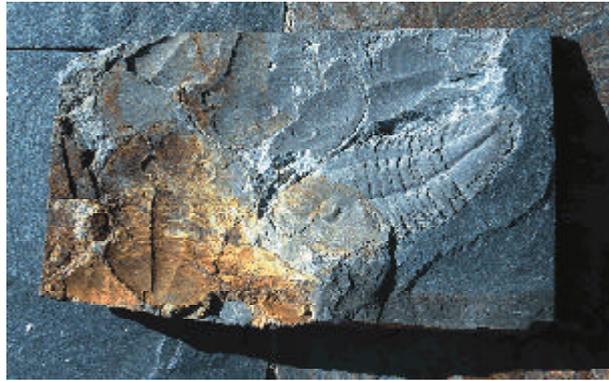
O Guia do artesanato identifica a actividade artesanal, estatuto do artesanato, e nas Candidaturas, permite acesso a formulários para Processo de Reconhecimento de Artesãos, e Processo de Reconhecimento de Unidades Produtivas Artesanais.

Depois de conhecer o Projecto JEMA (Jovens empresários movimentam-se para o auto-emprego), com identificação de apoios, contactos, objectivos e parceiros, temos o item e-arte shop, que permite a compra online produtos artesanais desta região.

Centro de Interpretação Geológica - Canelas

Pedras que falam

Paisagem chapada de telhados negros. A ardósia destrona a telha. Terra onde muita história se esconde por entre as pedras. Em Canelas, concelho de Arouca, um homem que explorava a rocha, revelou-se também um afeiçoado de vestígios de uma vida remota, enclausurada pelo tempo.



Nada predestinava Manuel Valério a tornar-se um convicto defensor e conhecedor de fósseis. Nada a não ser a reactivação de uma antiga exploração de ardósia. "Quando a empresa foi reactivada, apareceram aqui pessoas que me incentivaram e deram literatura para eu perceber o que tinha aqui." O avô de Manuel Valério adquiriu a exploração de ardósia na década de 20. Por altura do 25 de Abril, com as estradas chegaram as telhas, e começou-se a optar pela novidade e pela diferença, a pedreira parou, e só foi reactivada na década de 90. Hoje, 25 empregados no terreno, 15 numa empresa de aplicação de lousa, e 50 por cento da produção para exportação depois, Manuel Valério é sócio-fundador da "Ardósias Valério & Figueiredo, Lda."

Nada de novo. Limita-se a ser um caso de sucesso empresarial. O primeiro "mais" da história surge, precisamente, graças à acção do *homo faber*. O homem impõe a falha na rocha, revelando aos olhos de alguns privilegiados, fósseis, datados do Ordovício (dos 504 milhões de anos até aos 438 milhões). "Os fósseis encontram-se aqui em óptimo estado de conservação. Os xistos que os preservaram, formados de partículas de pó muito finas, abrem em camadas muito finas. São considerados a nível científico os maiores Trilobites do mundo em número das espécies que existem. Tenho dois exemplares inteiros de duas espécies, únicos no mundo." Manuel Valério assume, francamente, a sua paixão e dedicação pelos nobres e remotos antepassados do Ser Humano.

Estamos perante um empresário, de facto. Mas, para além disso, existe também o entusiasta colecionador de rastros deixados na pedra pelo tempo, "ao pegar na exploração fui-me apercebendo das riquezas, que me incentivaram a olhar para a História e para o passado". A história continua relativamente simples. O segundo "mais" deve-se a uma personalidade que não só respeita o património geológico, paleontológico e arqueológico, como quer valorizá-lo, expondo-o aos olhos

de todos, "tudo isto deve ser mostrado, não gosto de ter coisas só para mim". Para ir, activamente, ao encontro desse objectivo, decidiu desenvolver um projecto que fizesse jus aos diversos momentos, testemunhas de vestígios físicos e humanos, presentes neste pequeno espaço de terra.

Para o ano, um centro de interpretação

A ideia é pôr em cena, produzir à luz do dia: 300 milhões de anos, correspondendo à era paleozóica; um trilho escavado na rocha, que se pensa ser anterior à época romana; uma exploração de ouro romana, com várias galerias, onde se terá utilizado o método do fogo para a extracção do mineral, através do aquecimento prolongado da rocha com lenha e fogo, seguido da junção de água fria para criar um choque térmico, desfazendo a rocha; mós manuais que serviam para trituração do mineral e transformá-lo em pó; vestígios de icnofósseis, ou seja, marcas dos movimentos deixados pelos fósseis no lodo no fundo do mar, que faziam um sulco na lama, mais tarde coberta por um pó mais fino, preservando as pistas de Trilobites. Tudo isto e bem mais merece um pequeno desvio no caminho de qualquer passeante errante nestas terras entre o maciço da Gralheira e a serra de Montemuro. Concentram-se aqui várias aulas de História (Natural) ao vivo. Todavia a exploração, que está na origem das descobertas não fica esquecida, "é interessante passar aqui para ver o local onde aparecem os fósseis, para as pessoas perceberem como é que a ardósia ou a lousa abre às camadas, camadas formadas no fundo do mar, há 500 milhões de anos. Os sedimentos que a compunham eram muito finos e iam sendo depositados no mar, lentamente, às camadas, e os fósseis que viviam, morriam e ficavam dentro da lama, eram, assim, preservados." O espírito de iniciativa do produtor Manuel Valério para avançar tal cavaleiro solitário, ou

seja sem os outros sócios da empresa, nesta aventura histórico-cultural, *a priori* mais filantrópica do que económica, conjugado com o incentivo económico (37,5 mil euros, correspondente a 50 por cento do investimento), e, também, moral da associação de desenvolvimento local ADRIMAG contribuíram para a estruturação do projecto de Centro de Interpretação Geológica, constituído, nomeadamente, por um centro interpretativo para exposição dos fósseis, uma área de apoio e um auditório. Tanto a ADRIMAG como o director do Museu Nacional de História Natural, Galopim de Carvalho, aconselharam o promotor a desenhar um projecto mais ambicioso. Manuel Valério não seguiu os conselhos, confessando que "preferia fazer uma coisa pequena, para um dia ser grande. Sou muito calculista, mesmo em relação à empresa de exploração que começou do nada e foi subindo conforme as possibilidades e a procura". O futuro encerra um mundo de pistas para desenvolver este projecto da melhor forma possível. O promotor já tem algumas em mente, tais como a loja para exposição e venda de produtos de artesanato em ardósia; o *atelier* de escultura; o espaço de alojamento "para as pessoas ficarem um fim-de-semana, procurar fósseis, compreender melhor a região, visitar as explorações do volfrâmio e outros pontos de interesse geológico... Isto pode ser um centro coordenador de vários interesses, ligados à Geologia."

Maria do Rosário Aranha

fóssil, s.m. *Geol.* Resto ou vestígio petrificado ou endurecido de plantas ou animais de épocas remotas que se encontra nas camadas sedimentares terrestres, cuja formação foi contemporânea desses seres vivos.

trilobite, s.f. e m. *Paleont.* Crustáceo marinho fóssil pertencente à era paleozóica, que tinha um corpo dividido em cefalotórax e abdómen, se reparte longitudinalmente em três lobos.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 25 | Dezembro 2004

Propriedade

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

Redacção

INDE
Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3º
1700-213 Lisboa
Tel.: 21 843 58 70
Fax: 21 843 58 71
E-mail: pl@inde.pt

Mensário

Directora

Cristina Cavaco

Conselho Editorial

Carlos Mattamouros Resende/IDRHa, Cristina Cavaco/INDE, Francisco Botelho/INDE, Luis Chaves/Minha Terra, Maria do Rosário Serafim/IDRHa, Paula Matos dos Santos/INDE, Rui Verissimo Batista/IDRHa

Redacção

Paula Matos dos Santos (Chefe de Redacção), Francisco Botelho, João Limão, Maria do Rosário Aranha

Colaboraram neste número

Adices, Adrepes, Adrimag, Adruse, C. M. Melgaço, Cláudia Bandeiras (Adrepes), Desteque, Federação Minha Terra, João Carlos Pinho (Adrimag), Maria do Rosário Serafim (IDRHa), Terras do Baixo Guadiana

Paginação

Diogo Lencastre (INDE), Marta Gafanha (INDE)

Capa

Ponte do Poço de Santiago sobre o rio Douro (Sever do Vouga); Adrimag

Impressão

Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, n.º 4
4710-306 Braga

Tiragem

6 000 exemplares

Depósito Legal

n.º 142 507/99

Registo ICS

n.º 123 607



